

HISTORIAS POPULARES

- HISTORIA DA PRINCEZA MAGALONA. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- HISTORIA DA DONZELLA THEODORA em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- HISTORIA DE JOÃO DE CALAIS. Novissima edição 1 v. br. \$500
- HISTORIA DE PELLE DE ASNO, ou a *Vida do Principe Cyrillo*. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- HISTORIA JOCOSA DOS TRES CORCOVADOS DE SETUBAL, Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se descreve o equívoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- HISTORIA DO GRANDE ROBERTO DO DIABO. Duque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, por onde mereceu ser chamado *Roberto do Diabo* e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, por onde mereceu ser chamado *Roberto de Deus*, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA, mulher do Imperador Lodonio de Roma, na qual se trata como o dito Imperador mandou matar a sua mulher, por um falso testemunho que lhe levantou o irmão do dito Imperador, e como escapou da morte e dos muitos trabalhos e fortunas que passou, e como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que deprimto. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- NOVA HISTORIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO e dos *Doze pares de França*, contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldos de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- CONFISSÃO GERAL DO MARUJO VICENTE por via das rogativas que lhe fez sua mulher *Joanna* e sua aparição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br. \$500
- DESPEDIDA DE JOÃO BRANDÃO a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da *Resposta de Carolina Augusta*. Novissima edição, 1 v. br. \$500
- MARIA JOSE, ou a filha que assassinou, degolou e esquartejou sua propria mãe, Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848, 1 v. br. \$500
- ASTUCIAS E SUBTILESAS DE BERTOLDO, villão de agudo engenho e sagacidade, que depois de varios accidentes e extravagancias foi admittido a cortezaõ. Novissima edição 1 v. br. \$500
- SIMPLICIDADES DE BERTOLDINHO, filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcolia, sua mãe. Novissima edição 1 v. br. \$500
- VIDA DE CACASSENHO, filho do simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição 1 v. br. \$500
- DISPUTA DIVERTIDA, das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para a pessoa que for casada. 1 v. br. \$500
- O MENINO DA MATTA E O SEU CÃO PILOTO, Um volume com muitas gravuras. \$500
- GALATEA *Egloga* 1 v. br. \$500
- VIDA DE JOSÉ DO TELHADO, 1 volume ornado com muitas gravuras. \$500



Astucias de Bertoldo

Sua ousadia quando entrou no palacio d'el-rei Alboino

Passou Bertoldo por meio de todos aqueles grandes do reino e barões, que faziam côrte a el-rei, sem tirar o chapéo, nem fazer acto algum de reverencia, e foi logo sentar-se junto a el-rei, o qual, como era de natural benigno, e gostava de galantear, logo supoz que aquelle fosse de algum extravagante humor; visto que a natureza muitissimas vezes costuma infundir em semelhantes corpos monstruosos certos particulares, que não reparte com todos assim largamente; pelo que sem alguma alteração, antes mui agradavelmente, começou el-rei a interrogal-o desta maneira :

Conversação entre el-rei e Bertoldo

— **Rei** -- Quem és tu, quando nasceste, e de que terra és ?

— **Bertoldo.** -- Eu sou um homem; nasci quando minha mãi me pario; e a minha terra é este mundo.

BIBLIOTHECA DA LIVRARIA QUARESMA

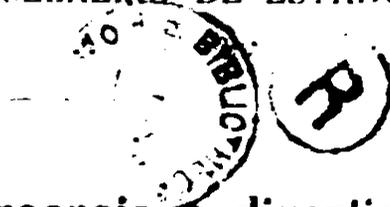
ASTUCIAS

— DE —

BERTOLDO

Villão de agudo engenho e sagacidade

QUE, DEPOIS DE VARIOS ACCIDENTES E EXTRAVAGAN-
CIAS, FOI ADMITTIDO A
CORTEZÃO E CONSELHEIRO DE ESTADO



Obra de grande recreio e divertimento



Rio de Janeiro
LIVRARIA — QUARESMA — EDITORA
71 e 73, Rua de S. José 71 e 73

1913

— R. Quem são os teus ascendentes, ou descendentes ?

— B. Os feijões, que fervendo ao lume, sobem e descem acima e abaixo pela panella.

— R. Tens tu pai, mãe, irmãos e irmãs ?

— B. Tenho pai, mãe, irmãos e irmãs; mas todos estão mortos.

— R. Como os tens tu, se já morreram ?

— B. Quando eu sahi de casa deixei-os todos dormindo, e por isso te digo que todos estão mortos, porque de um que dorme, a um defunto, pouca differença faz, tanto assim que o somno se chama irmão da morte.

— R. Qual é a cousa mais ligeira que ha ?

— B. O pensamento.

— R. Qual é o melhor vinho que ha ?

— B. O que se bebe em casa alheia.

— R. Qual é aquelle mar que nunca se enche ?

— B. A cobiça do homem avarento.

— R. Qual é a cousa mais feia que se acha em um moço ?

— B. A desobediencia.

— R. Qual é a cousa mais feia que está em um velho ?

— B. A lascivia.

— R. Qual é a cousa mais feia que está em um mercador ?

— B. A mentira.

— R. Qual é aquella gata, que por diante te lambe, e por detraz te arranha ?

— B. A mulher mundana.

— R. Qual é o maior fogo que ha em casa ?

— B. A mulher impertinente e a ruim lingua do criado.

— R. Quaes são as enfermidades incuraveis ?

— B. A loucura, o cancro e as dividas.

— R. Qual é o filho que queima a lingua á sua mãe ?

— B. A torcida da candeia.

— R. Como farias, para trazer-me agua em um crivo, e não a entornar ?

— B. Esperaria o tempo da neve, e depois te atraria.

— R. Quaes são aquellas cousas, que o homem busca, e não quizera achal-as ?

— B. Os piolhos na camisa, os calcanhares rotos, e o necessario sujo.

— R. Como farias, para apanhar uma lebre sem correr ?

— B. Esperaria que estivesse cosida e depois a apanharia.

— R. Tu tens bons miolos; si elles se pudessem ver.

— B. E tu terias uma bella feição se não comesses.

— R. Ora pois, pede-me o que quizeres, que eu estou aqui prompto para dar-te tudo o que me pedires.

— B. Quem não tem para si, mal póde dar a outrem.

— R. Porque? Não posso eu dar-te o que desejares ?

— Eu procuro felicidade, e tu não a tens, logo não m'a podes dar.

— R. Que ! Não sou eu feliz, estando sentado neste alto throno, como me vês ?

— B. Quem mais alto senta-se, mais arriscado está para cair, e precipitar-se.

— R. Olha quantos senhores e barões me estão rodeando para obedecer-me e honrar-me.

— B. Tambm os formigões estão ao redor da sova, e lhe róem a pelle.

— R. Eu resplandeço nesta côrte, assim como resplandece o sol entre as miudas estrellas.

— B. Dizes bem; mas eu as vejo muitas vezes offuscadas da adulação.

— R. Ora bem; queres tu ser homem de côrte ?

— B. Não deve procurar grilhões quem se acha em liberdade.

— R. Pois que motivo te obrigou a vir cá ?

— B. O cuidar que um rei fosse dez ou doze pés mais alto que os outros homens, e que entre elles tivesse a mesma eminencia, que têm as torres dos sinos sobre as casas; mas eu vejo que tu és homem ordinario, como os outros, comtudo que sejas rei.

— R. E' verdade, que sou ordinario de estatura; mas de poder e riqueza sou mais agigantado entre os outros homens. não só dez pés, mas cem mil braças; podem quem te manda intrometter nestas razões?

— B. O burro do teu feitor.

— R. Que tem que fazer o burro do meu feitor com a grandeza da minha côrte?

— B. Primeiro que tu fosses rei, e que a tua côrte fosse côrte, já o burro tinha fallado quatro mil annos antes.

— R. Ah! ah! ah! oh! **esta** sim, que é para rir

— B. O riso sempre é abundante na bocca dos doidos.

— R. Tu és um villão mui malicioso.

— B. A minha natureza assim me fez.

— R. Ora vamos, eu te ordeno que já te retires da minha presença, se não, mandar-te hei deitar fóra de outra sorte mais ruim e vergonhosa.

— B. Eu me irei, sim; mas advirto-te que as moscas têm por instincto, ainda que as deitem fóra, tornar logo; assim, se me fizeres mandar embora, tambem eu tornarei novamente a molestar-te.

— R. Ora vae, e se não tornas a vir á minha presença, como fazem as moscas, te mandarei cortar a cabeça.

Astucias de Bertoldo

Foi-se Bertoldo: e indo para casa, tomou um burro velho que tinha, todo esfolado nas ancas e nas ilhargas, e quasi comido de moscas, e montando em cima delle, tornou novamente ao palacio, levando comsigo uma immensidade de moscas e de vespas, que todas juntas faziam uma grande nuvem, de sorte que apenas se via; e chegando diante d'el-rei lhe disse:

— Bertoldo. Eis-me aqui, torno á tua presença.

— Rei. Não te disse eu, que se tu me tornasses a apparecer de outra sorte senão como fazem as moscas, te faria separar a cabeça do corpo ?

— B. Por ventura não andam as moscas sobre os burros podres ?

— R. Andam ; e por isso . . .

— B. E por isso eis aqui, que eu venho em cima de um burro todo esfolado, e carregado de moscas, como tu estás vendo, de fórma que já o tem comido quasi todo, e a mim tambem, logo pois, não tenho feito o que prometti ?

— R. Tu és um grande homem. Ora vai, que eu te perdoo ; e vós, oh ! lá, levai-o a comer.

— B. Não deve comer quem ainda não acabou a obra.

— R. Porque ? tens tu ainda mais que dizer-me.

— B. Ainda eu não comecei.

— R. Muito bem. Ora deita fóra esse animal pestilento ; e tu, retira-te alguma cousa para esta parte, porque eu vejo vir duas mulheres, que devem querer que lhes dê audiencia ; e logo que as tiver despachado, tornaremos a conversar.

— B. Emfim eu me vou ; mas procura dar sentença justa.

Demanda entre duas mulheres

Vieram pois, as duas mulheres diante d'el-rei, uma das quaes tinha furtado um espelho á outra ; aquella de quem era o espelho se chamava Aurelia ; e a outra, que o tinha furtado, se chamava Liza, a qual tinha o espelho na mão ; e Aurelia, queixando-se a el-rei, disse :

— Aurelia Sabei, senhor, que esta mulher hontem á noite, penetrou na minha camara, e me roubou aquelle espelho de vidro, que tem na mão ; eu lh'o pedi repetidas vezes, ella o nega, e não m'o quer restituir, e por isso peço justiça.

— Liza. Isto não é verdade ; antes ha alguns dias, que eu o comprei do meu dinheiro ; não sei como esta mulher tenha tanto atrevimento de pedir o que não é seu.

— A. Ah! justissimo rei, não deis credito ao que esta mentirosa vos diz, porque ella é uma ladra publica; não tem consciencia, e saiba Vossa Magestade que eu não me exporia a pedir o que não é meu por quantas riquezas ha no mundo.

— L. Oh! que consciencia de Misser Chapelote! Ella sabe muito bem fazer crer que lhe assiste toda a razão; e quem se fiasse em vós. oh! irmã, não saberia achar outro melhor? Mas nós estamos diante de um juiz, que conhecerá a minha innocencia e a vossa falsidade.

— A. Oh! terra! Porque não te abres para engolir esta maliciosa invencioneira, que tão descaradamente néga o que é meu; e de mais se empenha em querer dar a entender que tem razão, e que eu minto! Oh! Céu. mostra a tua verdade deste facto!

Sentença justa d'el-rei

— Rei. Ora basta; aquietai-vos que eu vos consolarei; tomai esse espelho, despedaçai-o miudamente, dê-se tantos pedaços a uma como a outra, e assim ambas ficarão contentes.

— Liza. Eu me satisfaço porque desta sorte se acabará a contenda entre nós, e não teremos mais bulha uma com a outra.

— Aurelia.. Não, não; dê-se embora todo inteiro a ella, mais depressa do que quebral-o; porque eu não poderia supportar ver quebrado um espelho tão bonito; e talvez algum dia os remorsos da consciencia obrigarão a restituir-m'o, e assim melhor é que ella o leve inteiro para sua casa, e fique aqui acabada a contenda.

— L. A sentença d'el-rei é a que me agrada, quebre-se o espelho em pedaços, porque assim cessarão as bulhas entre nós com que vamos ao facto.

Prudencia d'el-rei

— Rei.. Ora eu conheço verdadeiramente que o espelho é desta que não quer que seja despedaçado, pois no

pranto, nas lagrimas e nas supplicas que faz, mostra claramente que é sua dona, e que esta outra lh'otirou; seja pois a ella dado o espelho, e a outra mande-se daqui para fóra indecorosamente.

Bertoldo, rindo-se desta sentença, diz a el-rei:

- **Bertoldo.** Isto não é ter bom conhecimento.
- **Rei.** É porque não é ter bom conhecimento?
- **B.** Tu por ventura dás credito ás lagrimas das mulheres?
- **R.** É porque não lh'as hei de crer?
- **B.** Não sabes tu que o seu pranto é um engano, e que cada cousa que ellas fazem, ou dizem é como artificio? De sorte que quando choram com os olhos, riem com o coração, suspiram na presença de um e logo na ausencia fazem delle zombaria, fallam o contrario daquillo que cuidam, e por isso as lagrimas que deitam, as afflicções que affectam, as mudanças do rosto, tudo são enganos, que têm no pensamento, para satisfazerem os seus ambiciosos e insaciaveis desejos.

Louvor que o rei dá ás mulheres

— **Rei.** Tanto têm as mulheres de bondade, de entendimento e de prudencia, quanto são sem razão todas estas cousas que tu lhes attribues: e se por acaso uma pecca por fragilidade, deve-se-lhe dar desculpa, porque ellas são mais fracas e mais faceis em cahir nestes defeitos do que os homens. Porém, dize-me: não póde dizer-se, que está morto aquelle que vive separado de tal sexo? **Em** primeiro logar a mulher ama a seu marido, cuida dos filhos, ella os cria, os nutre, acostuma-os bem, e lhes dá toda a boa educação: a mulher governa a casa, tem cuidado na roupa, e nos trastes, é guarda da familia, vigia que as criadas façam a sua obrigação, e toma á sua conta o livrar a casa de desordens: a **mulher** é agradável no praticar, nobre no conversar, no contrariar, e discreta no ordenar; prompta na obediencia, honesta nas suas

palavras, modesta no procedimento, moderada no comer, parca no beber; mansa com os de casa, e tratavel com os de fóra. E se uma cahe em algum frenesi, ou humor extravagante, ha pelo contrario mil. que são honestissimas, e de bem; pelo que para mim tenho que foi justa a sentença que dei.

— **Bertoldo.** Sem duvida, bem se vê que tu amas muito as mulheres, e por isso fizeste em seu louvor este grande elogio. Ora que dirás se eu te fizer desdizer tudo quanto a favor dellas tens dito, ainda amanhã, antes que te vás deitar ?

— **R.** Se tu tal fizeres, confessarei que es o primeiro homem do mundo; mas se o não observares, tem por certo que te mando enforcar.

— **B.** Está bem, adeus, até amanhã.

Desta fórmula, sendo já tarde, el-rei se retirou á sua camara, e Bertoldo, depois de cear, foi tambem deitar-se aquella noite na estrebaria, phantasiando entre si por qual modo faria que el-rei exaggerasse o contrario do que tinha dito a favor das mulheres; e, dando em uma boa astucia, dormiu com todo socego, esperando o dia para pôr em execução o seu designio.

Astucias de Bertoldo

Chegada a manhã, levantou-se Bertoldo da palha, e foi procurar aquella mulher, a favor da qual tinha el-rei dado a sentença, e lhe disse:

Bertoldo. — Tu não sabes o que el-rei tem determinado ?

Aurelia. — Eu nada sei, se tu o não dizes.

B. — Pois sabe que elle ordenou que o espelho fosse despedaçado, como primeiro tinha dito, e que se desse a metade dos pedaços á outra, porque esta appellou da sentença; e como el-rei não quer ouvir maiores queixas sobre este negocio, manda que se conclua, satisfazendo a uma e a outra,

A. — Como pôde ser, que el-rei tenha tomado **tal** resolução, se elle já sentenciou que o **espelho** me fosse restituído são e inteiro? Ah! tu zombas de mim: vae-te daqui embora.

B.—Eu não zombo certamente. Elle assim o disse e eu ouvi da sua propria bocca.

A. — Ai de mim! Que ouço? Fará talvez isto para dar satisfação áquella maliciosa mulher? Oh! que justa sentença! Oh! que nobre acção de um monarcha! Oh! pobre justiça! como te administram bem, se no dia de hoje mais se crê a mentira, que a verdade! Oh! coitada de mim! Será emfim necessario, que te veja em pedaços, meu rico espelho? Uh, uh, uh. (Chora).

B. — Prouvera a Deus, que peor não fôra.

A. — E que pôde haver peor para mim do que isto?

B. — Elle ordena, por sua lei, que cada homem haja de casar-se com sete mulheres; ora vê tu, que destruição será para as casas com tantas mulheres.

A. — Como! Elle quer que cada homem fôr sete mulheres? Oh! Isto é muito peor do que se mandasse despedaçar quantos espelhos ha na cidade. Que ~~do~~ ~~uice~~ ~~é~~ ~~esta~~, que se lhe metteu na cabeça?

B. — Eu não sei dizer-te mais do que isto, que da sua propria bocca ouvi: agora toca a vós o defender-vos, antes que o mal corra mais adiante.

E tendo-lhe assim deitado esta pulga no ouvido, deixou-a só, e foi-se outra vez para o Paço, esperando ouvir alguma grande novidade antes que anoitcesse.

Tumulto das mulheres da cidade causado por Bertoldo

Tendo-se ido Bertoldo, Aurelia, que cuidou fosse verdade o que elle tinha dito, foi logo buscar as suas vizinhas e lhes communicou tudo; e ouvindo ellas taes ~~co~~ ~~usas~~ ficaram tanto fóra de si de raiva e de furia, que começaram logo a bramir por toda a parte, em menos de uma hora se espalhou a novidade por toda a cidade, de sorte que se ajuntaram mais de mil mulhe-

res, e, depois de terem consultado um bom pedaço sobre a materia, resolveram ir procurar el-rei, e diante delle gritar tanto, e fazer tanto motim, que finalmente, obrigado da importunidade dellas, tomasse o expediente de mandar revogar a lei novamente imposta, e, assim todas juntas se puzeram a fazer os maiores ruidos e gritos do mundo, de tal modo, que el-rei se vio quasi doido, porque não sabia a causa de tão grande tumulto; e, todo attonito, e cheio de admiração, não podendo já suportar tão grande insolencia, arrebatado de ira e de desdem, poz de parte a paciencia.

El-rei se enfurece contra as mulheres, e Bertoldo o estima

E voltando-se para aquellas mulheres, lhes dises com cara enfadada:—“Que novidade é esta que estou vendo? Donde procede esta sublevação? Que vos causa tanta colera? D’onde nasce tanta bulha? Por que fazeis tanto ruido? Por ventura estaes endemoninhadas? Que é que tendes? Dizei-o em má hora, mulheres do diabo!”

Mulher. — “Que vaidade é a tua, oh! rei? Que loucura se te metteu na cabeça?” (Respondeu uma das mais affoutas e raivosas). “Que frenezi te obriga, ou como te pertence ordenar, que cada homem se case com sete mulheres? Oh! que nobres considerações de um monarcha discreto! Porém sabe, e tem por certo, que nisto não serás obedecido.”

Rei. — “Que é o que dizeis, loucas? Falai mais baixo, de sorte que vos entenda, e então vos responde-rei.”

M. — “Que fallemos baixo? Antes seria necessario tirar-te desse throno real onde estás assentado e tirar-te fóra ambos os olhos.”

R. — “Que injurias, e que desprazer vos tenho feito? Dizei claramente, cadelas raivosas, o que pretendes, e não vos suffoqueis tanto.”

M. — “Não o dissemos já uma vez?”

R. — “Não vos entendi: tornai a dizer.”

M. — “Não ha peior surdo do que aquelle que não quer ouvir. Nós tornamos a dizer que tu fizestes um grande erro em ordenar, por lei, que cada homem haja de conjugar-se com sete mulheres e que tu deverias cuidar nos negocios do teu reino, e não intrometter-te naquelles que não te pertencem; entendeste agora? Melhor seria que fizesses com que, cada mulher pudesse desposar sete maridos; pois isto seria mais conveniente. Mas bem se vê, que não tens nenhum juízo, e que és um doudinho.”

El-rei manda embora as mulheres e exaspera contra o sexo femenino

Rei. — “Ah! sexo ingrato e descortez! Quando ordenei eu tal lei? Ide-vos já, já da minha presença em má hora, desavergonhadas, importunas; pois agora conheço claramente que nome de mulher não significa mais que—mal e damno,—e o de femea,—féra que semeia discordias e inquietações! que da casa donde elle se vai, leva atrás de si quanto póde com a cauda: e onde entra, deita chammias e fogo; ella é uma fonte de enganos e traições; um labyrintho infernal, no qual continuamente se ouvem os prantos, e as queixas lamentaveis dos maridos, as ruinas dos pais, tormentos, açoutes dos irmãos, vergonhas dos parentes, perdição das casas; e finalmente são pena e afflicção de todo o genero humano; ide-vos por uma vez com mil diabos, e não me torneis a apparecer mais diante de mim, espiritos infernaes, gente endemoninhada. Vede lá que motins, que desbaratos têm me feito estas doidas soltas, sem motivo; porém, se chegar a saber quem foi o autor desta novidade, não tenha medo, eu lhe darei o pago que elle merece. Graças ao céo, que uma vez acabaram de ir-se estas insolentes que pouco faltou para me tirarem os olhos com os dedos.

Depois que as mulheres se foram e que el-rei estava algum tanto mais pacifico, Bertoldo, que tinha estado de parte escutando tudo, como o seu designio teve o effei-

to que desejava, sahio á presença d'el-rei, rindo-se, e lhe disse :

Bertoldo. — Que dizes agora, rei? Não disse eu, que antes de hoje te ires deitar, terias no livro ás avessas aquillo que hontem elogiaste a favor das mulheres? Ora vê se ellas te desenganaram.

R. — Oh! que humores diabolicos! Ir procurar invenção para dizer, que tinha ordenado que cada homem houvesse de casar com sete mulheres, cousa que nunca imaginei, nem mesmo me passou pelo sentido... Oh! que casta má!...

B. — Tu lembras-te das promessas, que ha entre nós?

R. — Tens razão; vem, senta-te commigo neste throno real, pois que o mereceste.

B. — Não podem caber quatro nadegas em um mesmo assento.

R. — Eu mandarei fazer outro junto a este, para te sentares, e darás commigo audiencia.

B. — Amor e soberania não querem companhia; assim governa tu só, que és senhor.

R. — Eu suspeito que tu tenhas sido autor desta bulha.

B. — Dizes a verdade; mas não me podes castigar, porque eu procurei, como pude, observar quanto tinha promettido.

R. — Ora bem; já que esta invenção foi tua, eu perdoo, porém dize-me? como teceste esta malicia.

B. — Eu fui á casa daquella mulher, a quem tu concedestes o espelho, e lhe metti na cabeça que querias outra vez que o despedaçasse, e que se dêsse a metade á sua adversaria; e demais, que tinhas ordenado houvesse de ter cada homem sete mulheres, de sorte que transportada de colera por estas novidades, ajuntou aquelle grande numero de mulheres, que viste, e fizeram o motim que ouviste.

El-rei se arrepende de ter dito mal das mulheres, e torna outra vez a gabal-as

Rei. — Tu és um grande inventor, mas de malícia hoje ias quasi causando uma desordem. É como não haviam de ter uma, e mais de mil razões aquellas mulheres, para se pôrem contra mim! Eu não podia cres que o seu sexo tivesse perdido tão de repente o juizo, de sorte que fizessem tão grandes alaridos, sem terem mui justificados motivos para isso; e que maior o podiam ter do que este, que tu lhes deste de se irritarem contra mim? É certo que não, e a mim igualmente deste causa de dizer contra ellas o que não quizera ter dito, nem por todas as riquezas do mundo; pois já me arrependo, e me peza muito disso, e torno novamente a dizer que o homem sem mulher é como uma vinha sem cepa, um jardim sem fonte, rio sem barca, prado sem flores, bosque sem folhas, espiga sem trigo, arvore sem fructos, cidade sem braça, castello sem guarnição, palacio sem janellas, torre sem escada, rosa sem cheiro, anel sem pedra, pinheiro sem sombra, mar sem peixe, flores sem planta; e, finalmente todo aquelle que se acha sem esta agradavel companhia, pôde dizer-se que é um espelho sem luz e um diamante que não brilha.

Bertoldo. — É tambem um burro sem cabeçada.

R. — Tu sim que és essa insolente besta.

B. — Conheceste-me logo á primeira: ora como eu vejo que proteges tanto as mulheres, não fallemos mais nisto, o passado passado.

R. — Quem quer ser meu amigo, não diga mal das mulheres, porque ellas não fazem mal a ninguem, não trazem armas, não armam bulhas, mas são todas mansas, socegadas, benignas, quietas, amaveis, adornadas de todas as virtudes; e por isso não queiras incitar outra vez o meu desdem contra ellas; porque, se o fizeres, te mandarêi dar o castigo que mereceres.

El-rei se arrepende de ter dito mal das mulheres, e torna outra vez a gabal-as

Rei. — Tu és um grande inventor, mas de malicia hoje ias quasi causando uma desordem. E como não haviam de ter uma, e mais de mil razões aquellas mulheres, para se pôrem contra mim! Eu não podia crer que o seu sexo tivesse perdido tão de repente o juizo, de sorte que fizessem tão grandes alaridos, sem terem mui justificados motivos para isso; e que maior o podiam ter do que este, que tu lhes deste de se irritarem contra mim? É certo que não, e a mim egualmente deste causa de dizer contra ellas o que não quizera ter dito, nem por todas as riquezas do mundo; pois já me arrependo, e me peza muito disso, e torno novamente a dizer que o homem sem mulher é como uma vinha sem cepa, um jardim sem fonte, rio sem barca, prado sem flores, bosque sem folhas, espiga sem trigo, arvore sem fructos, cidade sem braça, castello sem guarnição, palacio sem janellas, torre sem escada, rosa sem cheiro, anel sem pedra, pinheiro sem sombra, mar sem peixe, flores sem planta; e, finalmente todo aquelle que se acha sem esta agradavel companhia, pôde dizer-se que é um espelho sem luz e um diamante que não brilha.

Bertoldo. — É tambem um burro sem cabeçada.

R. — Tu sim que és essa insolente besta.

B. — Conheceste-me logo á primeira: ora como eu vejo que proteges tanto as mulheres, não fallemos mais nisto, o passado passado.

R. — Quem quer ser meu amigo, não diga mal das mulheres, porque ellas não fazem mal a ninguem, não trazem armas, não armam bulhas, mas são todas mansas, socegadas, benignas, quietas, amaveis, adornadas de todas as virtudes; e por isso não queiras incitar outra vez o meu desdem contra ellas; porque, se o fizeres, te mandarêi dar o castigo que mereceres.

R. — Quem embaraçou as linhas, que as desembarace.

B. — Mal se podem desembaraçar, quando as pontas estão atadas.

R. — Quem semeia espinhos, não ande sem sapatos.

B. — Outra cousa é ir um metter-se onde a vontade repugna.

R. — Vai, não tenhas medo que ninguém te faça mal.

B. — Ao bom confortador não dóe a cabeça.

R. — Temes por ventura que a rainha te faça algum desprazer?

B. — Mulher raivosa, tempestade furiosa.

R. — A rainha é toda boa, e não deseja mais que ver-te, assim fia-te em mim.

Bertoldo é conduzido diante da rainha

Desta sorte levaram Bertoldo diante da rainha, a qual, tendo sabido, com se disse, que elle era o que tinha feito aquella peça ás mulheres no dia antecedente, tinha feito preparar alguns bastões ás suas camaristas, que quando o colhessem naquella camara, o fechassem dentro, e lhe sacudissem bem o pó da casaca. Logo que ella o viu, olhando para aquella monstruosa presença, toda enfadada disse: olhai, que focinho de porco.

Bertoldo. — O gato começa-me a miar ao redor da tigella.

Rainha. — Como te nomeias tu?

B. — Eu não nomeio a ninguém.

R. — Como te chamas?

B. — Quem me chama eu lhe respondo.

R. — Como é o teu appellido?

B. — Eu não me lembro que tenha sido nunca pellado.

Emquanto a rainha interrogava Bertoldo, uma das suas servas trouxe escondido um vaso cheio de agua, para lh'a deitar pelas costas; mas o villão astuto, ten-

do-o presentido, estava com o olho bem attento, e logo lhe occoreru ao pensamento uma astucia, continuando a fallar com a rainha.

Astucias de Bertoldo para que não o molhassem por detrás

Rainha. — Como sabes tu tantas astucias, que parecees um feiticeiro?

Bertoldo. — Todas as vezes que me aguam o traizeiro, sei adivinhar todas as cousas; e sei se uma mulher anda de amores com alguém, se teve contratos com algum homem, se é honesta ou impudica; e finalmente adivinho tudo; com que, se houvesse quem me quizesse molhar por detraz, eu saberia dizer agora tudo.

Bertoldo livra-se da peça da agua

Neste tempo aquella criada, que tinha trazido o vaso com agua para o molhar, ouvindo taes palavras, o levou outra vez de vaçar, temendo que se lhe não descobrisse alguma mácula; e nenhuma das outras se atreveu a fazer-lhe alguma peça; porque todas tinham, como se costuma dizer, algum trapo ensacado; mas a rainha que se abrazava em raiva contra elle, mandou que cada uma das criadas tomasse seu bordão, e lhe déssem quantas pancadas pudessem; e com esta faculdade se foram todas a elle com maior impeto do que aquelle, com que as furiosas bacchantes accometeram o miseravel Orpheu; mas vendo-se o pobre Bertoldo em tão grande perigo, lhe occoreu outra astucia, e voltando para ellas disse:

Nova astucia de Bertoldo para livrar-se das pancadas

Bertoldo. — Aquella que tem premeditado deitar veneno nos comeres d'el-rei, seja a primeira a pegar no pau para me dar com elle, que eu me satisfaço.

Então todas se puzeram a olhar umas para as outras, dizendo: eu nunca tive semelhante tentação; nem eu, respondia a outra; e assim uma depois da outra, disseram todas o mesmo até a rainha; de tal sorte que tornaram a pôr os paus no seu lugar, e o bom Bertoldo ficou por então livre daquellas terriveis pancadas.

A rainha quer que Bertoldo seja bastonado em todos os modos

A rainha, em quem cada vez mais augmentava a ira contra Bertoldo, querendo por todos os modos que lhe dessem boa carga de pau, mandou dizer aos seus archeiros que, quando elle sahisse, o moessem como devia ser, sem alguma remissão; e logo o mandou embora acompanhado de quatro dos seus criados, para que estes lhe trouxessem depois a nova do que tivesse succedido.

Subtil astucia de Bertoldo para não ser maltratado de pancadas pelos archeiros

Quando Bertoldo viu que por nenhum modo podia fugir, recorreu ao seu costumado entendimento, e voltando-se para a rainha, lhe disse: Já que vejo claramente que não me queres perdoar as pancadas, peço-te em cortezia, que me faças um graça: a minha petição é justa, e tu podes fazel-a, pois comtauto que eu leve as pancadas, o mais não te importa. Dize á estes teus servos que me vêm acompanhar, que digam aos archeiros, que tenham respeito á cabeça e que no mais dêem quanto quizerem.

A rainha não entendendo a metaphora, ordenou aos criados que dissessem aos archeiros, que tivessem respeito á cabeça, e que no resto déssem quanto pudessem, e assim foram os criados para onde estavam os guardas, levando Bertoldo adiante; e como elles já estavam preparados com os bastões nas mãos, para lhe fazerem aquella obra pia, Bertoldo se poz a caminhar adiante dos outros com passo largo, de sorte que se separou del-

les um bom pedaço; e quando aquelles que o acompanhavam, viram os guardas promptos para o trabalho, e que elle ia chegando aonde elles estavam, se puzeram assim de longe a gritar: que tivessem respeito á cabeça, e que no resto fizessem a sua obrigação, como devia ser, por assim o ter ordenado a rainha.

Os criados levam as pancadas em lugar de Bertoldo

Os guardas vendo Bertoldo diante dos olhos, cuidando que elle fosse cabeça daquella rancho, o deixaram passar, sem lhe fazerem alguma affronta, e logo que foram chegados os criados se puzeram a malhar nelles com aquelles paus, de maneira que lhes quebraram os braços, e as cabeças; e apenas se acharia membro, em que as pancadas dos paus não tivessem deixado signal do effeito. Quando os miseraveis se viram em tão deploravel estado, foram como puderam assim derreados e massados, diante da rainha, a qual ouvindo que Bertoldo tinha escapado com aquella astucia, e que os seus criados foram maltratados daquella sorte, em lugar delle, se lhe augmentou incrivel raiva e desdem contra Bertoldo, e jurou que se havia de vingar; mas por então occultou a ira, esperando outra occa ião para a desabafar, e no emtanto mandou curar os servos que tinham sido, como se costuma dizer, bem convidados por festa.

Bertoldo torna á presença d'el-rei, e faz uma bella peça a um cortezão

Chegando outra dia, logo se foi enchendo a sala do Paço de cavalheiros e barões, segundo o costume: Bertoldo não faltou em apparecer tambem, o que foi chamado por el-rei, e logo que o viu, lhe disse:

Rei. — Ora pois, como passou o negocio com a rainha?

Bertoldo. — Da borda ao sapato pouca vantagem houve.

R. — O mar estava muito bravo ?

B. — Quem sabe navegar, passa com toda a segurança qualquer golpho perigoso.

R. — O céu ameaçava grande tempestade ?

B. — A tempestade descarregou nas costas de outrem.

R. — Que ! cuidas que já está sereno ?

B. — Eu deixei o céu muito nublado.

Insolencia de um cortezão

Neste tempo, um cortezão, que estava ao pé d'el-rei, e tambem servia de bobo, o qual se chamava Fardete, por ser pequeno e gordo, com a cabeça calva, disse a el-rei: faze-me, senhor a graça de permittir-me que eu converse um pouco com este villão; e veremos se o faço desconfiar. Respondeu-lhe el-rei: Faze o que te parecer mas olha não te succeda, como succedeu a Calado o qual foi para rapar, veio rapado. Não, não (replicou Fardete), eu não tenho medo d'elle; e voltando-se para Bertoldo com um modo extravagante, lhe disse:

Fardete. — Que dizes tu, codorniz, que cahiste do ninho ?

Bertoldo. — Com quem fallas tu, pinto, depenado ?

F. — Quantas leguas são da lua aos banhos de Luccas ?

B. — Quantas fazes tu do caldeirão da sopa á estrebaria ?

F. — Por que motivo a gallinha preta põe ovo branco ?

B. — Por que causa o açoute d'el-rei te faz negro as faces do rabo ?

F. — De quaes ha maior numero, de turcos, ou de judeos ?

B. — Quaes são mais: os que tu tens na camisa, ou os da barba ?

F. — O villão e o burro nasceram ambos de um parto ?

- B. — O lambaz e o porco comem ambos na mesma tigela ?
- F. — Que tempo ha que tens comido nabos ?
- B. — Que tempo ha que não te deram cobertor ?
- F. — É's tu um novillo, ou uma ovelha ?
- B. — Não mettas na dansa os teus parentes.
- F. — Quando acabarás de deixar as tuas astucias ?
- B. — Quando tu deixares de lamber os pratos da cozinha.
- F. — Ao villão não se metta pau na mão.
- B. — Ao porco e á rã não se tire o lodo.
- F. — O corvo nunca trouxe boa nova.
- B. — O francello e o milhafre sempre vão atrás dos burros podres.
- F. — Eu sou um homem de bem e bem nascido.
- B. — Quem se gaba suja-se e nunca se lava.
- F. — O villão é mau animal.
- B. — E o adulador é feio monstro.
- F. — Nunca se viu villão sem malicia.
- B. — Nunca se viu gallo sem crista, nem corteção sem adulação.
- F. — Os teus sapatos arreganham os dentes.
- B. — E' que se estão rindo de ti, porque és uma besta.
- F. — As tuas meias estão todas remendadas.
- B. — Melhor é ter remendos nas meias, do que na cara, como tu os tens.

Tinha Fardete muitos signaes na cara, de taponas, que lhe deram por seu merecimento; e por isso, quando ventio tocar-lhe no vivo, não sabendo o que responder, se fez encarnado com o fogo da vergonha, em tal modo, que toda a côrte se pôz a rir deste successo, e elle se foi calando, e de boa vontade se tivera ido, se aquelles cavalheiros não lh'o impedisse; mas Bertoldo, que por ter fallado muito tinha a bocca cheia de cuspo, não sabendo aonda havia de cuspir, porque estava a sala toda cheia de tapeçarias de seda e ouro, disse a el-rei: onde queres que eu cuspa ? respondeu el-rei: cospe na praça.

Então Bertoldo chegando-se para Fardete, que, como já disse era calvo, lhe cuspiu no meio da cabeça. Fardete ficou enraivecido fêramente, e se queixou a el-rei da injúria, que lhe tinham feito na sua presença; mas Bertoldo repentinamente disse: el-rei me deu licença que cuspiisse na praça: qual melhor podia achar que a tua cabeça? Não diz o ditado: cabeça calva, praça de pio-lhos? Eis aqui que não commetti nenhum erro: porque cuspi na praça, como el-rei me mandou.

Toda a côrte deu razão a Bertoldo; e Fardete, co-cando a cabeça, foi necessario que tivesse paciencia; e bem quizera não ter-se intromettido com Bertoldo, pa- ra não ver todos rirem-se delle, como lhe succedeu, pois como se jactava, e presumia ter elevado engenho, e da- va cantigas a quem lh'as pedia, todos tiveram grande gosto de o ver, que não ousava levantar os olhos por vergonha, e que de exasperação quasi se queria enfor- car. Como era noite, el-rei se despedio dos senhores e barões: e disse a Bertoldo, qu tornasse á sua presença no dia seguinte, mas que não fosse nu' nem vestido.

Astucias graciosas de Bertoldo no ir á presença d'el-rei, do modo que lhe tinha dito

Chegando a manhã, Bertoldo appareceu diante d'el-rei, embrulhado em uma rêde de pescar; e vendo-o el-rei daquelle modo, lhe disse:

Rei. — Por que vens aqui desta fórma?

Bertoldo.— Não disseste tu, que tornasse a vir esta ma- nhã a tua presença e que não havia de estar nem nu', nem vestido?

R. — Sim, disse.

B. — Pois, eis aqui me vês embuçado nesta rêde, com a qual cubro parte dos membros e parte fica desco- berta.

R. — Onde estiveste até agora?

B. — Onde eu estive já não estou, e onde estou agora ninguem pôde estar senão eu.

R. — Que fazem teu pai, tua mãe, teu irmão, e tua irmã?

B. — Meu pai de uma mulher faz duas; minha mãe faz á sua vizinha o que nunca mais lhe fará; meu irmão quantos acha todos mata; e minha irmã chora daquillo de que este anno andou rindo.

R. — Explica-me esta mistura de grellos.

B. — Meu pai no campo desejando fechar um caminho, lhe está pondo espinhos, de sorte que quem costuma passar por elle, agora é necessario que passem uns de cá, e outros de lá do lugar onde estão os espinhos; e assim de um só caminho que havia faz dous. Minha mãe está fechando os olhos a uma sua vizinha que moreru, o que nunca mais lhe tornará a fazer. Meu irmão está ao sol catando os piolhos da camisa, e mata quantos acha. Minha irmã todo este anno tem andado entretida com os seus amores, e gora chora na cama as dôres de parto.

R. — Qual é o dia mais comprido que ha ?

B. — Aquelle que se está sem comer.

R. — Qual é a maior loucura de homem ?

B. — O reputar-se sabio.

R. — Por que motivo os cabellos da cabeça se fazem brancos primeiro que os da barba ?

B. — Por que os cabellos da cabeça nasceram primeiro que os da barba.

R. — Qual é aquelle filho que arranca a barba á sua mãe ?

B. — O fuso.

R. — Qual é aquella herba que até os cegos a conhecem ?

B. — A ortiga.

R. — Qual é aquella femea que sempre dansa na agua e nunca lava os pés ?

B. — A barca.

R. — Qual é aquelle que se mette na prisão por sua vontade ?

B. — O bicho de seda.

R. — Qual é a mais desgraçada flôr que ha ?

B. — Aquella que sahe da pipa, quando se acaba o vinho.

R. — Qual é a cousa mais desavergonhada que ha ?

B. — O vento, que se mette até debaixo das saias das mulheres.

R. — Qual é aquella cousa que ninguem a'quer em casa ?

B. — A culpa.

R. — Qual é aquelle torto que corta as pernas a todos os direitos ?

B. — A fouce de segar o trigo.

R. — Qual é a femea mais cheia que ha ?

B. — A masseira, em que se faz o pão.

R. — Quantos annos tens tu ?

B. — Quem conta os annos faz conta com a morte.

R. — Qual é a cousa mais alva que ha ?

B. — O dia.

R. — Ainda mais que o leite ?

B. — Mais que o leite, e tambem mais que a neve.

R. — Se não me fazes ver isso, te mandarei carregar bem de pancadas.

B. — Oh ! infelicidade e miseria !

Astucia particular do engenho de Bertoldo, para não levar arrojadas

Foi-se portanto Bertoldo, e tomando uma bacia de leite, escondidamente a poz na camara d'el-rei, e fechou todas as janelas. Era meio-dia, quando el-rei entrou na camara e como estava escura, tropeçou na bacia do leite, que ficou entornado pelo chão e pouco faltou que não cahisse de bruços; e enfadado ao maior limite, fez abrir uma janella e vendo aquelle leite deitado pelo chão, e a bacia em que tinha tropeçado, se poz a gritar, dizendo:

Rei. — Quem me poz aqui esta bacia de leite na minha camara, e fechou as janellas, para me fazer tropeçar ?

Bertoldo. — Fui eu, para provar-te que o dia é mais alvo, e mais claro do que o leite; porque se este fosse mais alvo que o dia, te daria luz, quando entraste na cama, e não tropeçarias na bacia.

R. — Tu fizestes como um villão, e a cada cesto achas sua aza; mas quem é este que aqui vem? **Certamente** é um pagem mandado pela rainha, e tem uma carta na mão. Tira-te de parte, para que eu saiba o que que me quer dizer.

B. — Eu me retirarei, e o Céu queira que não seja para mim alguma triste nova.

Humor fantastico, que se metteu na cabeça das mulheres da cidade

Veio o portador da carta, e depois de fazer a devida reverencia a el-rei, lhe entregou a mesma carta, cujo conteúdo consistia em que as matronas mais nobres daquela cidade desejavam e pediam livremente a Sua Magestade que pudessem ellas tambem ser admittidas com seus votos nos conselhos e regimen da cidade, assim como praticavam os seus maridos; consultar, ouvir queixas, sentenciar, e em conclusão, fazer o mesmo que faziam os do senado, e magnatas da cidade; allegando que havia muitos exemplos, de que outras do seu sexo tinham governado imperios e reinos com tanta prudencia, e talvez mais do que tiveram muitos reis e imperadores passados, que tinham sahido ao campo armados, defendidos dos seus Estados valorosamente, e que por isso Sua Magestade, não devia rejeital-as, mas acceitar a sua proposição, fazendo-se participante do quanto pediam pois lhes parecia estranhavel que os homens tivessem o dominio de todas as cousas, e ellas fossem tidas em nenhuma consideração; e no fim alludiam que saberiam conservar o segredo nas cousas de importancia tanto quanto os homens e talvez mais; a rainha é que fazia as instancias para o bom despacho deste negocio, que muito lhe recommendava. Tendo lido el-rei a carta, e percebido a louca petição destas

mulheres, não sabia que resolução devia tomar; e chamando Bertoldo lhe communicou tudo o que se passava, de que elle, pondo-se a rir com grande vontade, el-rei se enfadou de alguma sorte, e lhe disse:

Rei. — De que te ris, selvagem?

Bertoldo. — Eu me rio por certo, e quem não risse agora, merecia que lhe quebrassem os dentes.

R. — Porque?

B. — Porque esta mulheres te conheceram por um tolinho, não por Alboino, e por isso te fazem este lauto peditorio.

R. — Está nellas o pedir, e em mim o conceder.

B. — Coitado daquelle cão que deixa que lhe peguem no rabo com a mão.

R. — Falla de sorte que eu te entenda.

B. — Pobres daquellas casas, em que as gallinhas cantam e o gallo se cala!

R. — Tu és como o sol de Março, que commove, e não resolve.

B. — A quem bem entende poucas palavras bastam.

R. — Acaba de tirar fóra do sacco o que me queres dizer.

B. — Quem quizer ter a casa limpa, não consinta frangas nem pombas.

R. — Falla a proposito, tarracha de carro! Vamos á conclusão.

B. — Quem entende, e quem não entende e quem não quer entender.

R. — Quem se mette com carqueja, a sopa sabe a fumo.

B. — Que queres tu finalmente de mim?

R. — Eu quero que me dêes nesta occasião o teu conselho.

B. — A formiga pede agora pão á cigarra?

R. — Sei que tu és homem de juizo, que sabes muitas invenções; e assim quero deixar ad teu arbitrio a deliberação deste negocio.

B. — Se me dás esta faculdade, está certo que bem depressa de livrarei da matraca.

Deixa-me cuidar a mim do remedio que, se estas mulheres tornarem a falar-te mais na historia, quero ser um cão.

R. — Ora bem, procura despedil-as o mais depressa que pudieses.

Astucia industriosa de Bertoldo para tirar o capricho da cabeça das mulheres

Foi logo Bertoldo á praça, e comprou um passarinho, o qual fechou em uma boceta, e o levou a el-rei, dizendo-lhe que mandasse aquella boceta assim fechada á rainha, para que ella a fizesse entregar aquellas mulheres, commettendo-lhes expressamente de não abril-a; e que na manhã seguinte fossem á sua presença com a boceta. Bertoldo a levou á rainha, a qual a entregou ás ditas matrónas, que estavam na sua camara esperando a resposta, commettendo-lhe expressamente por parte d'el-rei, que de nenhum modo abrissem a dita boceta, e que tornassem com ella no dia seguinte, pois teriam o despacho que desejavam d'el-rei á supplica, e assim foram mui consoladas.

Curiosidade das mulheres

Depois de se terem ido as mulheres do paço, logo as tentou um excessivo desejo de ver o que estava dentro da bocetinha, dizendo umas: Vejamos nós o que se encerra aqui dentro. Outras diziam: Não façamos tal, porque temos ordem expressa de não abril-a e póde ser que dentro esteja alguma cousa de importancia para el-rei. Que póde ser finalmente (diziam as mais curiosas) ? E quando nós a abramos, não podemos por ventura tornal-a a fechar como está ? Sim, sim; abra-se, esteja dentro o que estiver.

Resolução das mulheres para abrirem a caixinha

Por fim, depois de muitas razões e debates, que houve entre ellas, resolveram abril-a, e, apenas tinham tirada a tampa, o passarinho recuperando a sua liberdade, se valeu das azas, e, voando ao ar, logo desapareceu, deixando áquellas mulheres a confusão, e o pezar da sua curiosidade, accrescentando-se o desgosto em não terem podido observar que casta de passaro fosse, pela velocidade com que fugiu; pois, se o tivessem reconhecido, sem duvida fariam todas as diligencias para achar outro semelhante, e assim levarem a boceta da mesma fórma que a tinham recebido, com o que não podia haver mal.

Pezar das mulheres por lhes ter fugido o passarinho que estava na caixinha

Mas o demonio da sua curiosidade quiz que succedesse o contrario; pelo que ficaram todas tristes e melancholicas, reprehendendo com mil exaggerações aquelle seu vicio natural. Coitadas de nós (diziam)! como teremos cara para apparecer diante d'el-rei, se desta fórma observamos o que nos ordenou, não podendo ter uma só noite fechado o passarinho? Pobres miseraveis de nós! Qual animo será o nosso amanhã? Póde haver maior desconsoação que esta? Assim passaram toda aquella noite na maior angustia e tristeza, não sabendo resolver se haviam de ir no dia seguinte á presença d'el-rei, ou deixarem-e estar em casa.

Resolução das mulheres animosas

Passada a noite, sendo já dia claro, levantaram-se as ditas mulheres, e se juntaram todas, que como exasperadas não sabiam qual partido haviam de tomar, para determinarem se haviam de ir á presença d'el-rei, mediante o erro que tinham feito; e tambem estavam

em duvida se haviam primeiro communicar o successo á rainha: umas eram de parecer que sim, e outras que não; qual allegava razões differentes, qual alludia persuasivas; e finalmente, depois de grandes e contenciosos debates, sahio uma dentre ellas que tinha algum juizo mais que as outras, e que fallou desta maneira:

Para que estamos perdendo o tempo em fazer tantas paroladas? O crime já está feito; não se póde encobrir nem emendar, senão com pedir perdão a el-rei confessando-lhe tudo tal e qual como succedeu; pois, sendo elle de natural benigno, principalmente com as mulheres, facilmente nos perdoará, e eu serei a primeira a fallar-lhe. Eia, pois, recobremos animo, segui-me todas, que isto não é nenhum homicidio: é um passarinho, que em conclusão se compra com dez réis e por elle ter voado não devemos perder tanto a coragem. Vinde commigo, e não tenhais algum receio. Outras diziam que se enfadaria mais do acto de desobediencia, do que se lhe tivessem feito fugir quantos passaros estavam nas susa tapadas e jardim. Finalmente, volta para cá e volta para lá, determinaram ir á presença da rainha, e narrar-lhe todo o facto, como fizeram.

As mulheres se apresentam á rainha, a qual as leva diante d'el-rei

Ouvindo a rainha tal cousa, ficou muito perturbada de animo, e não sabia que dissesse, nem o que havia de fazer, receiando alguma grande desordem; comtudo, fez todo o esforço para disfarçar a oppressão que sentia, e levou á presença d'el-rei toda aquella comitiva de mulheres, que seriam perto de trezentas, as quaes iam todas com os olhos fitos no chão, cheias de vergonha. Chegada que foi a rainha á sala da audiencia, saudou el-rei, e elle fez o mesmo com o rosto alegre, fazendo-a sentar-se junto a si; e depois lhe perguntou que boa nova a levava á sua presença, acompanhada de tão grande comitiva de mulheres?

A rainha conta a el-rei a fugida do passarinho

Disse a rainha: saiba Vossa Magestade que venho aqui diante da real corôa, com essas nobillissimas matronas, saber a resposta da supplica que fizeram, para entrarem tambem ellas nos conselhos, negocios e exercicios, que se dão aos do grande senado; e, tendo-lhe Vossa Magestade mandado aquella bocetinha, com ordem expressa de a não abrirem por nenhum modo, e que a houvessem de trazer hoje, tal e qual como lhes foi entregue, uma, mais curiosa que as outras, desejando vêr o que se encerrava dentro, abrio-a, sem attender a outra cousa, e o passarinho fugio logo, e desse successo ficaram todas tão tristes e desconsoladas, que não ousavam levantar a cabeça, nem olhar para Vossa Magestade, pela grande vergonha, que têm, de haver desobedecido ao preceito real. Porém Vossa Magestade, que sempre foi benigno para com todos, ha de perdoar-lhes este erro que fizeram, não por violar a sua ordem, mas por um méro desejo e curiosidade, de que arrependidas e pezarosas pedem perdão a Vossa Magestade.

El-rei mostra-se muito enfadado, reprehende as mulheres, perdoa-lhes depois, mandando-as para suas casas.

Quando el-rei que outra cousa não desejava, ouviu o referido, se fingio irritado ao maior excesso; e, voltando-se para as mulheres, lhes disse. Com que vós deixastes fugir o passaro da caixinha, mulheres tolas, sem juizo? E como então tendes ousadia para pedir que se vos communicem os negocios dos conselhos secretos da minha côrte? Dizei-me como podereis ter em segredo uma cousa, naqual estivesse o interesse do meu Estado, e a vida dos homens, se uma só hora não pudestes ter fechada uma bocetinha, que com tantas instancias vos recommendei? Ora, ide cuidar dos vossos exercicios, das vossas familias, e não do governo

das cidades. Sem duvida que todas as cousas levariam bom caminho, se passassem pelas vossas mãos; porque qualquer segredo . por mais importante que fosse, em menos de meia hora se saberia por toda a cidade. Ora ide-vos, que eu vos perdão, cuidai do que vos pertence, e não entreis outra vez em semelhante frenesi. Despedio-se depois da rainha, fazendo-a acompanhar por muitos cavalheiros até ao seu quarto. Desta fórma se foram aquella desconsoladas mulheres, cada uma mal contente de si mesma, e nunca mais tornaram a fallar em que as admittissem a conselheiras e consultoras; pois que el-rei as tinha consultado por uma vez, mediante astucia do subtil Bertoldo, a quem depois disse el-rei, rindo-se:

Rei. — Melhor invenção que esta não podias achar, meu Bertoldo, e sahio ás mil maravilhas.

Bertoldo. — Bem vai a cabra cõxa, enquanto não tópa o lobo.

R. — Porque dizes tu isto ?

B. — Porque mulher, agua e fogo, em toda parte acham lugar sem grande rogo.

R. — Quem se senta na ortiga, muitas vezes lhe pica como formiga.

B. — Quem cospe contra o vento , o cuspo lhe cáe na cara.

R. — Quem mija sobre a neve, por força se ha de vêr a ourina.

B. — Quem lava a cabeça ao burro perde o trabalho, e tambem perde o sabão.

R. — Por ventura dizes tu isto a meu respeito ?

B. — Sem duvida, que só a teu respeito, e não de outrem fallo.

R. — É que motivo tens tu de queixa contra mim?

B. — É que motivo tenho de dizer bem ?

R. — Mas dize-me que offensas tens recebido de mim ?

B. — Eu cooperei para negocio de tanta importancia; e tu, em lugar de assegurar-me a vida, me estás logrando.

R. — Eu não sou tão ingrato que não conheça os teus merecimentos.

B. — O conhecê-los é pouco, o tudo é remunerar-los.

R. — Cala-te que eu quero remunerar-te de fôrma que fiques a pés iguaes.

B. — Tambem aquelles que são enforcados ficam a pés iguaes.

R. — Tu interpretas todas as cousas ás avessas.

B. — Quem diz mal, quasi sempre adivinha.

R. — Tu não dizes mal, mas fazes tambem mal.

B. — Que mal tenho eu feito na tua côrte?

R. — Tu não usas nenhuma sorte de cortezia, nem de boa criação.

B. — Que te importa a ti, se eu sou malcriado, ou mal acostumado?

R. — Muito me importa, porque para commigo te has sempre havido como um vilão ruim.

B. — Qual é o motivo?

R. — Porque quando tu vens á minha presença, nunca tiras o chapéo, nem abaixas a cabeça.

B. — Um homem não deve abaixar a cabeça a outro homem.

R. — Deve usar a cortezia e a reverencia, segundo a qualidade dos homens.

B. — Todos somos de terra; tu és de terra, eu sou de terra, todos nós havemos de nos tornar em terra; e assim a terra não deve reverenciar a outra terra.

R. — Tu dizes bem, que todos somos de terra; porém entre a mesma terra ha muitas differenças: supõe tu que a differença que ha entre nós ambos, é a mesma que ha entre dous vasos, dos quaes sendo um de maior estimação, serve para ter licôres preciosos e cheirosos, e, outro, que é mais ordinario, serve para exercicios vis e despreziveis; e desta fôrma sendo eu como um daquelles que têm balsamo e licores, dos mais preciosos e odoriferos, e tu um daquelles em que fazem ainda outras cousas muito peores, são comtudo fabricados pela mesma mão e da mesma terra.

B. — Eu não te nego isto, mas sim te digo que tão quebradiço é um como outro; e quando ambos estão quebrados, deitam-se os pedaços pelas ruas, não se fazendo distincção nenhuma de uns e nem de outros.

R. — Ora, seja como fôr, eu quero que abaixes a cabeça.

B. — Eu não o posso, fazer tem paciencia.

R. — Por qué não o podes fazer?

B. — Porque eu tenho pernas de salsa, por isso não quero quebral-as, quando fôr a baixar-me.

R. — Ah ! villão ruim, eu quero que contra tua vontade, me faças reverencia, quando vieres á minha presença.

B. — Olha, tudo póde ser, mas a mim custa-me muito a crel-o.

R. — Isso se verá amanhã, vai-te esta noite para casa, e veremos quem vence.

El-rei faz abaixar a porta da sua camara , por onde Bertoldo devia entrar, para que-por força se inclinasse a fazer-lhe venia quando fosse a passar.

Logo que Bertoldo se foi, fez el-rei abaixar a porta da sua camara, de certo modo que quem passasse por ella havia de forçosamente abaixar a cabeça, e para que desta fórma quando Bertoldo quizesse entrar por ella no dia seguinte, fizesse a venia a seu pezar. Nesta certeza estava esperando com impaciencia o dia para vêr o effeito desta cousa.

Astucia de Bertoldo para não fazer venia a el-rei

Na manhã seguinte o astuto Bertoldo não deixou de ir ao Paço como costumava; e, vendo á porta da camara d'el-rei abaixada daquella sorte, logo suppoz com malicia que elle a tivesse mandado assim fazer para que ao entrar por ella, lhe fizesse venia, abaixando a cabeça; mas Bertoldo, em lugar de passar pela porta direito, e fazer reverencia a el-rei, lhe voltou as cos-

tas, entrando assim para o honrar, e reverenciar com as faces do az de copas. Então sim, que el-rei conheceu ser este homem o principe da astucia; estimou muito no intimo esta graça; porém, comtudo isto, fazendo demonstração de a levar a mal, lhe disse:

Rei. — Quem te ensinou, villão ruim, a entrar desta fôrma nas camaras reaes?

Bertoldo. — O caranguejo.

R. — Como te ensinou o caranguejo? Certamente escolheste bom bordão para te encostar.

Fabula do caranguejo e a lagosta, contada por Bertoldo

Bertoldo. — E' necessario saberes que meu pai teve dez filhos, e era pobre, como o sou tambm eu: e porque muitas vezes não havia pão para ceiar, e mandar-nos satisfeitos para a cama, costumava contar-nos alguma fabula, e no emtanto nós iamõs adormecendo, passando muitas vezes assim até a manhã. Entre outras, que lhe ouvi contar, ficou-me uma na memoria, a qual, se quizeres ter paciencia de ouvir, não deixarás de ter gosto nella, e é muito adequada ao nosso proposito.

Rei. — Dize, dize, que terei summo gosto de ouvir-te.

B. — Dizia meu pai que, quando os animaes fallavam, e que as cotovias faziam capinhas, o caranguejo e a lagosta, que eram muito amigos, se dispuzeram a ir pelo mundo, para vêr como se vivia nas outras terras: o caranguejo então andava para diante, como os outros' animaes, e a lagosta não ia de ilharga, como agora faz. Ora, estes sahiram de casa de seus pais, e depois de andarem muito tempo correndo mundo, chegaram ao reino das cavallas: passaram dahi ao dos lagartos, que confina com o d'el-rei dos macacos; e assim rodeando grande parte deste orbe, viram muitas differentes cerimoniaes, costumes, e ritos entre aquelles pequenos animaes. Finalmente se acharam no reino dos saguins, mas já era noite; e como entre este e as doninhas havia grandes guerras por serem confinantes e uma nova suspeita de traição tinha posto em armas uma e outra potencia, logo

que foram chegados os nossos dous companheiros áquelle lugar, conheceram os guardas que eram estrangeiros, e os tomaram por dous espiões, prendendo-os logo de pés e mãos, e os levaram diante do seu capitão, o qual, fazendo-os examinar com grande exacção, não achou nelles outra curiosidade mais que o desejo de verem o mundo, e que por isso tinham alli chegado; que, sendo estrangeiros, não podiam ser informados do que se passava; e assim desejavam que lhes fosse concedida a liberdade, para voltarem ás suas patrias, ou tambem se lhes quizessem assentar praça de soldados, dando-lhes o soldo como aos demais os serviriam naquella guerra com toda a fidelidade.

Ouvindo isto, o capitão logo os fez desatar, e, parecendo-lhe que eram animaes capazes de qualquer facção, por terem tantos braços e tantas pernas, os aceitou assentando-lhes praça. Dahi, não muitos dias, succedeu que o caranguejo foi mandado ao campo inimigo, para observar com toda a cautela o que se fazia nelle. Como esta casta de animal não era conhecida naquellas terras, e elle caminhava com grande silencio, cobrindo-se muitas vezes debaixo da sua concha, estavam certos que não seria descoberto com tanta facilidade; e assim elle foi animosamente ao campo dos inimigos, onde, achando que as guardas avançadas dormiam, passou mais adiante, até que chegou ao pavilhão do rei das doninhas, cuidando que nelle estivessem tambem dormindo; mas o pobre teve tambem pouca fortuna, porque lá estavam accordados, jogando o truco e bilhar; e assim que deitou a cabeça de dentro, foi logo visto por um daquelles soldados, o qual passo a passo se levantou de jogar, em fórma que o desgraçado caranguejo não o advertio, e tomando um pau lhe atirou com elle, e acertando-lhe directamente na cabeça, atordoou-o de maneira que quasi parecia morto; e se não tivesse o abrigo das suas costumadas armas, para debaixo dellas se recolher, lhe saltariam os miolos fóra. Aquelle que o ferio, não sabendo que fosse espião, e só cuidando que alli tivesse chegado por acaso, pois não tinha cara de espião, julgando que o tivesse mor-

to, o tomou pelos cornos, e o deitou em um fosso e tornou ao seu jogo.

Ora, no entanto, tendo tornado a si o miseravel caranguejo, e não podendo levantar a cabeça, por causa da grande pancada que tinha recebido, jurou que nunca mais queria entrar com a cabeça para diante em nenhuma parte, mas sim caminhar para trás afim de que se alguma vez lhe tornassem a fazer daquellas esmolas, as accitasse mais depressa com o espinhaço, do que com a cabeça. Neste estado voltando ao campo, deu relação de quanto lhe tinha acontecido, e de estarem os primeiros guardas dormindo, mas que no pavilhão real estavam levantados; o que ouvido pelo capitão, deu as necessarias ordens promptamente, para que sem demora, e com o maior silencio se armassem os esquadrões com os quaes deu de repente sobre o inimigo, e vencendo com pouca resistencia as primeiras linhas, chegou ao pavilhão real, onde matou quantos nelle se achavam, fazendo a vingança da pancada; que deram no caranguejo, o qual para que lhe não succedesse outra semelhante historia disse á lagosta: Vamo-nos daqui, porque a guerra não é boa para nós. E como fugiremos (disse a lagosta) de fórma que não sejamos vistos, ou descobertas as nossas pé-gadas? Tu caminharás de ilharga (respondeu o caranguejo) e eu para trás, e assim nos veremos livres.

Agradou a proposição á lagosta, e, levantando-se logo nas pontas dos pés, com toda a gentileza se pôz em caminho aos saltos, e ia tão depressa, que o caranguejo com muito trabalho podia alcançal-a. Desta sorte sahiram do campo, aonda nunca se soube para onde aquelles animaes tivessem ido; pois a extravagancia do seu andar lhes não deixara signal algum de o conhecerem; com que chegaram ás suas casas, e por causa dos perigos, em que se tinham visto, deixaram no seu testamento que todos os seus successores houvessem de caminhar sempre na conformidade que elles fizeram no voltar para suas casas. Até o dia de hoje se vê que o caranguejo anda para trás, e a lagosta de ilharga; e porque o caranguejo teve aquelle carolo na cabeça, quando a metteu dentro do

pavilhão, eu sempre me lembrei delle, e por isso entrei de costas, quando passei por aquella porta, para vir á tua presença, porque melhor é levar a pancada no trazeiro, do que na cabeça. Que me dizes agora? não é bonita esta fabula?

R. — Sem duvida que é, e foste um grande homem. Ora vai para casa, e amanhã, torna vir, mas de sorte que eu te veja, e te não veja; e traze-me a horta, a estrebaria e o moinho.

B. — Ora adivinhem lá esta mastigada! Emfim, eu irei e procurarei fazer o que souber.

Astucias de Bertoldo para apparecer diante de el-rei na fôrma que lhe ordenou

No dia seguinte, mandou Bertoldo fazer por sua mãe uma torta de acelgas bem untada com manteiga, queijo e bastante requeijão; tomou depois um crivo, que pôz por diante do rosto, e com a torta na mão foi á presença de el-rei, o qual, vendo-o apparecer daquella fôrma não poudes suster o riso e lhe disse:

Rei. — Que significa este crivo, que tens diante do rosto?

Bertoldo. — Não me ordenaste que viesse á tua presença, em modo que me visses e não visses?

R. — E' verdade que assim t'o ordenei.

B. — Eis aqui, logo que, estando por detraz dos bu-racos deste crivo podes vêr-me, e não podes vêr-me.

R. Ora és um homem de grande engenho; mas onde está a horta, a estrebaria, e o moinho, que te disse trou-xesses?

B. — Aqui está esta torta, na qual estão infundidas todas as tres cousas a saber: na acelga está a significação da horta; no queijo manteiga e requeijão se denota a estrebaria; e na farinha o moinho.

R. — Eu nunca vi, nem pratiquei mais agudo en-tendimento do que o teu. Ora, pois, serve-te da minha côrte em tudo o que te fôr necessario.

Graças de Bertoldo

Ouvindo Bertoldo este offercimento, que el-rei lhe fez, afastando-se alguma cousa delle para a parte de onde os cavalleiros lhe faziam cõrte, desabotoou os calções, mostrando querer fazer uma necessidade corporal; o que visto por el-rei, se pôz a gritar, dizendo :

Rei. — Que queres fazer, animal ?

Bertoldo. — Não me dizes tu que me posso servir da tua cõrte em tudo que me fõr necessario ?

R. — Disse, não ha duvida; mas que acção é essa ?

B. — Eu logo quero servir-me della para descarregar um certo peso que tenho na barriga, o qual me dá tanto detrimento, que já o não posso ter.

Neste tempo um daquelles guardas de el-rei, levantando um bastão, queria dar-lhe com elle, dizendo-lhe bruto, porco, vai á estrebaria, aonde vão as bestas como tu, e não sejas tão atrevido em fazer semelhante porcaria na presença real, se não queres que te apalpe as costellas com este pau. Então Bertoldo, voltando-se para elle, lhe disse: Devagar amigo, devagar ! Não te mettas a ser cuidadoso aonde não te chamam; não sabes tu que as moscas, as quaes verás, que andam pelas cabeças dos tinhosos e por outros lugares ainda peiores, andam tambem sobre as mesas reaes, e fazem muitas vezes seus feitos nos pratos onde comem os principes ? Logo, porque não hei de fazer as minhas necessidades no chão, que é a cousa sem a qual não se pôde passar, quando el-rei, mesmo me disse que podia servir-me da sua cõrte em tudo que me fosse necessario ? E qual maior urgencia podia eu ter de servir-me della senão para este effeito ? El-rei que entendeu a metaphora de Bertoldo, e gostara muito daquella graça, tirou do dedo um anel de grande valor, que lhe entregou dizendo: Ora toma, meu Bertoldo, este anel, que só tu o mereces; e vós, ó thesoureiro, trazei-me aqui logo mil patacas que lh'as quero dar.

B. — Eu não quero que me interrompas o meu somno.

R. — Porque ?

B. — Porque se eu tivesse esse anel e tanto dinheiro, não poderia ter socego, nem repousar, parafusando pelo sentido continuamente em que o havia de empregar; e assim nunca teria quietação; além de que, ouvirias dizer muitas vezes que quem o alheio toma vende-se a si mesmo; a natureza me produziu livre, e livre quero conservar-me.

R. — Que posso fazer eu pois, para te premiar ?

B. — Muito bem paga quem conhece o beneficio.

R. — Não basta conhecê-lo sómente, mas é necessario tambem remunerar-o.

B. — O bom animo é pontual pagamento do homem de bem.

R. — Não deve o superior ceder em cortezia ao menor.

B. — Não deve o menor receber cousa que seja superior ao seu merecimento.

A rainha manda novamente pedir Bertoldo a el-rei

Emquanto estavam nestas porfias, chegou outro criado da rainha com uma carta, a qual continha que el-rei lhe mandasse outra vez Bertoldo por todos os modos; pois, achando-se ella algum tanto molestada, queria passar o tempo com as suas graças; mas isto era tudo pelo contrario, porque o seu verdadeiro intento era fazer-lhe tirar a vida, depois que lhe chegou a noticia de ter sido por concerto seu que aquellas fidalgas tinham recebido aquella reprehensão de el-rei; pelo que lhe tinham tal raiva, que, se o pudessem colher ás mãos, o lapidariam. Lendo el-rei a carta, e dando fé ao que nella lhe escrevia a rainha, disse a Bertoldo:

Rei. — A rainha te manda chamar outra vez, porque, estando alguma cousa indisposta, quer que a vás divertir e fazer-lhe passar a melancholia com as tuas graças.

Bertoldo. — Tambem a raposa muitas vezes se finge enferma para apanhar os frangos.

R. — A que proposito dizes tu isto ?

B. — Porque nem tigre nem mulher jámais deixou de se vingar.

R. — Ora, lê tu aqui se sabes ler.

B. — A pratica e a experiencia são meus livros.

R. — O desdem da mulher nobre logo passa.

B. — As brazas encobertas deixam quentes por muito tempo as cinzas.

R. — Não ouves tu as boas palavras que ella te manda dizer ?

B. — Boas palavras, feitos maliciosos, enganam os estudiosos.

R. — Ora, vamos se has de ir, porque finalmente agua não é espada.

B. — Quem por uma vez ficou escaldado de sopa quente, assopra nella ainda quando está fria.

R. — De corsario a corsario não se perde mais que os barris vasio.

B. — O borracheiro ainda cuida uma cousa, e o taverneiro outra.

R. — Em servir o proximo nunca se perde.

B. — Servir com damno ? Deus t'o dê todo o anno.

R. — Não tenhas medo de nada no meu palacio.

B. — Melhor é ser passaro do campo que de gaiola.

R. — Ora, não te faças desejar mais, vai por uma vez: porque cousa tanto rogada depois pouco agrada.

B. — Bem vai a quem dá exemplo desta sorte.

R. — Quem mais está ainda mais quizera estar.

B. — Quem empurra a não para o mar fica em secco no estaleiro.

R. — Ora, vai aonde tẽ mando, e não receies nada.

B. — Quando o boi vai á morte su'a por diante e treme por detraz.

R. — Faze animo de leão e vai sem temor.

B. — Não póde fazer animo de leão quem tem coração de ovelha.

R. — Vai seguramente, porque a rainha não te quer mal nenhum, antes tem rido muito sobre aquella peça.

B. — Riso de senhor, sereno de inverno, chapéo de doudo, e trote de mula velha, no jogo da primeira fazem poucos pontos.

R. — Não te dilates mais, porque toda a tardança depois é aborrecida.

B. — Ora, pois, eu vou, já que tu me ordenas, succeda o que succeder; tanto assim ou assado, é necessario que eu passe pela porta pequena ou pela grande.

Bertoldo, com uma bella astucia se livra do primeiro impeto da rainha

Assim Bertoldo se encaminhou para o quarto da rainha; mas, tendo presenciado que ella tinha commettido aos seus couteiros de cães que lhe avançassem todos desde que elle apparecesse, para que por elles fosse trago (tanto estava raivosa contra elle), primeiro quiz ir á praça, aonde, encontrando um saloio, que tinha uma lebre viva, lh'a comprou e poz debaixo da véstia. Chegando elle ao palacio da rainha, os primeiros, que o vieram cumprimentar foram um bando de cães, que vinham correndo á grande furia, para se lhe avançarem; e sem duvida o matariam a mordidellas, se elle, conhecendo o grande perigo em que se achava, não largasse logo a lebre, a qual, apenas foi vista pelos cães, todos a ella se lançaram para alcançal-a como é natural, ficando assim livre o pobre Bertoldo, sem alguma lesão daquelles agudos dentes; e assim subio ao aposento da rainha, a qual ficou mui admirada, vendo-o vivo, quando cuidava que os cães o tivessem comido; e toda enfurecida, lhe disse :

Rainha. — Tu aqui estás, monstro salteador ?

Bertoldo. — Assim não estivera, como estou.

R. — Como escapaste dos dentes dos meus cães ?

B. — Como ? A natureza deu providencia ao accidente.

R. — A mulher do ladrão nem sempre se ri.

B. — Quem vai ao moinho, é força que se enfatinhe.

R. — Quem tem as primeiras, nunca fica sem ellas.

B. — Quem merece leva.

R. — Por esta vez, tu as merecerás.

B. — Não fica enganado senão quem se fia.

R. — Prometter e não dar, vem por doudo contentar.

B. — Quem menos póde, paga o bóde.

R. — Quem não joga lá, gasta mal o seu de outros modos.

B. — Parece ser prudente quem desgraças nunca sente.

R. — Que vá a besta, que torne a besta, tudo é o mesmo.

B. — E' necesasrio que aqui não entreis, dizia a raposa ao lobo.

R. — E com tudo, tu, que és tão astuto e malicioso, vieste cahir-me nas mãos ?

B. — Paciencia, dizia o lobo ao burro; muito vão ás bodas, mas não vão á mesa.

R. — Todo o tempo vem a quem póde esperal-o.

B. — Venha embora, pouco entendimento faz mister.

R. — Atrás do trovão costuma vir a tempestade.

B. — O peixe grande come o pequeno.

R. — Nem todos os gallos conhecem a fava.

B. — Todas as cobras têm a peçonha no rabo; mas a mulher irritada por todo o corpo a tem.

R. — Tu não escaparás certamente desta vez; podes usar quanta malicia souberes, eu farei com que não te possas jactar de fazeres mais estratagemas contra as mulheres.

B. — Quem não vai a uma fonte vai á outra; e quem vai mais depressa engana o companheiro; e assim despacha-me por uma vez, como fôr de teu gosto, conforme disse em certa occasião o lobo a um villão: e se nós vi-
vessemos mil annos, não tenhas medo, que nos vejamos jamais de boa vontade, nem haja entre nós boa harmonia.

A rainha faz metter Bertoldo dentro de um sacco

Então a rainha, toda enfurecida, fez pegar nelle e atal-o muito bem e depois o fez pôr em uma camara junto áquella onde dormia; mas, como se não fiava de que lhe escapasse, segundo o que tinha visto em outras occasiões, por obras das suas astucias, o fez metter em um sacco, pondo-lhe por guarda um quadrilheiro, para que tivesse conta nelle até a manhã seguinte, fazendo tenção de o mandar assim deitar no rio, ou fazer-lhe alguma outra cousa, com o que ficasse impedido de rir-se nunca mais della com outra zombaria; assim o pobre Bertoldo ficou fechado no sacco, não tendo nunca medo da morte mais que daquella vez: comtudo concertou no pensamento uma nova astucia para sahir do sacco como com effeito sahio admiravelmente, desta sorte.

Astucias de Bertoldo para sahir do sacco onde o tinham posto

Estava o triste Bertoldo fechado naquelle sacco, com a guarda daquelle quadrilheiro; valendo-se da sua grande astucia, poz-se a fallar consigo mesmo, queixando-se desta fórma: Ah! fortuna inconstante como te divertes em maltratar tanto os ricos como os pobres! É tu, maldita fazenda, a que extremidade me trouxeste? Não me teria sido melhor que meu pai não me deixasse nada, porque assim não me veria reduzido a esta miseria em que me acho? De que me servio andar vestido nestes rusticos trajos, para mostrar ser pobre, se agora descobriram que sou rico, como sou? Estes malvados pela cobiça de apanharem para si o que é meu, querem fazer commigo parentesco! Mas seja o que fôr, não haja medo que eu receba tal mulher; porque, sendo eu homem disforme, bem sei que ella nunca seria toda minha; e se a rainha quizer que eu a recba, alguma cousa se verá.

O quadrilheiro começa a interessar-se na fortuna de Bertoldo

Ouvindo o quadrilheiro estas palavras, teve grande curiosidade de saber a razão daquellas exclamações e, como era de natural compadecido, lhe disse:

Quadrilheiro. — Que historia é esta? De que te queixas? Não me dirás, pobre coitado, porque te metteram neste sacco?

Bertoldo. — Oh! amigo, a ti não te importa saber a minha vida, nem as minhas misérias; deixa-me queixar do meu fado, e tu cuida em fazer o teu officio.

Q. — Comquanto eu seja quadrilheiro, nem por isso deixo de ser homem como são os mais, e de ter compaixão das calamidades do proximo, com que, se não puder ajudar-te com as minhas forças nos teus trabalhos, poderei ao menos dar-te alguma consolação com as palavras.

B. — Pouca consolação me podes dar, porque é breve o tempo determinado para o que se ha de fazer.

Q. — Querem por ventura dar-te açoites?

B. — Peior.

Q. — Espoliar-te?

B. — Peior.

Q. — Mandar-te para as galés?

B. — Peior.

Q. — Mandar-te enforcar, ou esquartejar?

B. — Ainda peior.

Q. — Queimar?

B. — Trinta mil vezes peior.

Q. — Que diabo te podem fazer peior que isto?

B. — Querem-me casar.

Q. — É isto é peior que aquillo tudo que eu disse? Deves tu ser algum animal ou besta? Eu cuidava que te quizessem fazer algum grande mal. Tomai-vos lá querem-no casar! Ora, isto sim que é para cantar com a viola.

B. — Não é que o casar me seja peor do que esses castigos; mas o modo com que querem que receba eu a mulher.

Q. — E com qual modo t'a querem dar? Falla claro.

B. — Está ahí alguém mais que tu? Não quizera que alguma outra pessoa me ouvisse, porque então sim, que eu ficaria de todo perdido.

Q. — Ninguem está mais do que eu; falla sem receio.

B. — Olha bem por tua vida, que depois não fosse dizer tudo o que ouviste; e tu vê bem o que fazes.

Q. — Não tenhas medo de nada, porque eu nunca costumei a fazer isto, e nem mesmo daqui por diante m'ó verão fazer.

B. — Ora pois, eu de ti me fio, conhecendo pelo teu bom modo que és homem de bem, e também saiba-se o que se souber, pouco me importa, tanto o que ha de ser já não tem remedio.

Q. — Conta-me, pois, toda a historia, que eu terei gosto de ouvil-a.

B. — Devese saber que, sendo eu rico de bens de fortuna, embora seja disforme e monstruoso de pessoa, tenho muitas fazendas e terras, e parte destas confinam como as de um certo cavalheiro, que tem uma filha, a qual sa mais bella que possa ver-se. Vendo elle as minhas riquezas (supposto que eu seja um campones, e feio como te digo), intenta casar esta sua filha commigo, tendo-me para este effeito fallado muitas vezes, não já pela minha pessoa, mas pelas muitas fazendas que sabe eu possuo; pois supponho que da minha vida pouco lhe importa, antes creio que depois de casado me quizera ver pendurado em uma forca.

Q. — Com que, és rico?

B. -- Torno a dizer-te que poucos ha da minha condição, que tenham tantos rebanhos de toda a casta de animaes, tantas terras, tantas fazendas e por fim tudo o que póde haver.

Q. — Quanto poderás ter tu de renda cada anno ?

B. — Um anno por outro, sempre hei de ter de renda quinze mil cruzados, e ainda mais.

Q. — Apre ! Ha muitos condes e marquezes que não têm tanto. E esse cavalheiro de que fallas é rico tambem ?

B. — Elle se acha bem ; mas em comparação do que eu tenho, é mais pobre.

Q. — Quanto terá de renda ?

B. — Tres mil cruzados, e não chega.

Q. — Então não é tão pobre, como tu dizes, e além disso não é nobre.

B. — E' nobre. Nobilissimo.

Q. — E então não te quer dar nada em dóte ?

B. — Sim, quer ; eu tudo te direi, porque estamos aqui sós ; mas não vês que não posso fallar neste sacco ? Se tu não o desatas, de sorte que eu possa pôr a cabeça de fóra, vejo-me suffocado para fallar ; e depois poderás fechal-o outra vez, quando tiveres ouvido tudo o que desejas saber.

Q. — De muito boa vontade ; aqui está aberto ; falla, e não estejas triste. Mas tens uma horrenda cara ; se o resto do corpo corresponde á cabeça, deves ser um feio animal.

B. — Tira-me fóra todo, e verás a minha bella pessoa.

Q. — Sim, mas depois é necessario que tornes para dentro do sacco, tanto que tiveres fallado, e que eu te feche como estavas.

B. — Nisso não teremos nós duvida.

O quadrilheiro tira Bertoldo do sacco

Quadrilheiro — Ora pois, vem para fóra.

Bertoldo. — Aqui estou ; que te parece este meu corpinho ?

Q. — Em verdade, te asseguro que és um gentil moço. Apre lá ! Que bella figura ! Eu não tenho visto besta mais feia que tu ! A noiva já te vio porventura ?

B.—Ella nunca me viu, e para que me não veja, me fizeram metter neste sacco, querendo o pai trazel-a a esta camara, para que nos casemos ás escuras, e depois que estiver feito o matrimonio mostrar-me, porque então não ha remedio senão contentar-se, estando tudo isso assim ajustado; e a mim logo me serão dados em dote dous mil dobrões de Hespanha, que lhe dá a rainha, para que lhe não fuja esta boa fortuna.

Q. — E' bella fortuna certamente, porque terá um menino tão bonito, e gracioso como tu, para trazer nos braços. Ora vêde lá como vão as cousas deste! A maldita riqueza quantos homens e quantas mulheres faz cahir nestas parvoices de mandar semelhantes chascos, ou, para melhor dizer, infernos deste mundo: vêde um destes alarves, que parece monstro infernal; porque tem riqueza, os cavalheiros se prezam de fazer com elle parentesco. Ora, bem diz o ditado—que a riqueza faz estar o tihoso á janella; eu que sou pobre, e que não sou tão monstruoso como este demonio, não acharia semelhante ventura; mas a maldita fazenda é causa de tudo: paciencia!

B. — Se tu fosses homem de bem, eu te faria esta noite venturoso.

Q. — De que sorte?

B. — Eu estou resolutto de não receber esta mulher por nenhum modo; porque como me dizem que é formosa como o mesmo sol, está me parecendo que não será toda para mim, e, além disto vendo-me ella tão horrendo, poderia talvez fazer-me comer algum bocado daquelles que comem a vida; assim, se queres entrar em meu lugar neste sacco, eu te renunciarei esta grande ventura.

Q. — Algum ridiculo faria talvez esta parvoice, para depois, quando fosse descoberto, achando-se que não eras tu, lhe fizessem atirar um tiro, e dar um salto nas ancas?

B. — Disso não receies, porque, depois que tiveres recebido a noiva, e que fores descoberto, tu, que és um bom macaco, e não horrendo como eu, em ella te vendo não dirá que te não quer, e o que está feito não se póde

desfazer, nem tornar atrás com as duas mil dobras; e assim entrarás também de posse de toda a fazenda; porque o pai é velho e não pôde estar muito tempo sem ir cheirar a terra das sepulturas, e desta fórma poderás daqui em diante viver com toda a grandeza, e honradamente, sem exercitar este teu officio tão vituperioso e infame.

Q. — Tu fazes mui fácil a empreza, porém, eu não quero pôr-me nesse risco: anda tu para o sacco, porque a minha pelle vale mais que estas riquezas.

B. — Ora, és bem basbaque! Eu me compadeço de ti; mas não sabes o que por todo o mundo se diz: que ao homem animoso é bom tentar fortuna. Que mal te pôde succeder, tomára saber, neste negocio? Parece-te que o pai della te fará alguma cousa depois que te receberes? Tu crês que ella, sendo tão modesta, diga que te não quer? Parece-te que a rainha, sendo tão liberal e generosa, não queira desembolsar o dinheiro para não parecer avarenta? Todos se hão de sujeitar áquillo que o céu destina, e deixarão passar tudo em silêncio, e assim irás para a casa da noiva, e com o tempo serás herdeiro de tudo, e por todos respeitado como fidalgo. Homem, sabe reconhecer a tua fortuna, e vê que nem todos os dias apparecem destas occasiões: entra no sacco, e não te dê algum cuidado o mais; porque, se houvesse algum perigo para ti, eu o diria, prezando-me de fallar sempre a verdade e claro com todos; deixa-te ir, e amanhã antes de jantar, saber-me-has dizer se te enganei, ou se verdadeiramente sou teu amigo.

O quadrilheiro começa a cahir no logro

Quadrilheiro. — Tu me propões a empreza tão bellamente, que quasi a creio; estou para me pôr a ella, tendo sempre ouvido dizer que quem não arrisca não ganha; quem sabe se esta ventura está preparada para mim por favor do céu?

Bertoldo mostra não querer o quadrilheiro dentro do sacco, para lhe infundir maior desejo

Bertoldo. — Eu não posso estar aqui com tantas paroladas; quem não sabe conhecer a sua boa fortuna, quando lhe cahe nas mãos, depois anda-a procurando todo pezaroso, e não a acha. Se o céo te quer fazer este beneficio, para que o queres tu desprezar? Mas eu te asseguro que, se tivesses conhecimento da minha sinceridade, não farias tanta repugnancia: ora pois, amigo, faze o que eu te digo; eu não posso estar aqui cansando-me em fazer-te tantos prologos: aqui me torno a metter no sacco, anda fechar-me nelle e não tenhas medo que te torne a fallar nunca mais neste negocio, já que és tão falto de animo.

Quadrilheiro. — Espera mais um pouco, que não falta tempo para entrar no sacco.

B. — Quem tem tempo não espera tempo; eu bem vejo que tu não sabes conhecer a tua ventura, e assim não quero estar aqui mais a quebrar-te a cabeça, e eu quebrar a minha, sendo bem tolo quem quer fazer bem a outrem que não quer, ou não sabe agradecer.

O quadrilheiro se resolve a entrar no sacco

Quadrilheiro. — Ora, eu conheço verdadeiramente que estas tuas palavras nascem do zelo de amor que me tens; e bem vejo eu que por meu respeito te prejudicas bastantemente; aqui estou resoluto para entrar no sacco, e fazer o que me tens dito; pois é certo que quando me tiver recebido com essa rapariga, por força será necessario que fique minha, e que todos tenham paciencia, se não fôr de sua vontade.

Bertoldo. — Não; anda fechar-me no sacco, que eu me mettereí dentro delle.

Q. — Espera, não te mettas nelle porque eu me mettereí, já estou resolvido.

B. — E eu já não quero; vamos, anda atar a bocca do sacco.

Q. — Ah! por quem és, amigo meu, não me tires esta ventura; eu t'a peço por esmola.

B. — Ora vamos, não quero deixar de fazer-te esta caridade; comtudo, ainda que me tenhas feito andar alguma cousa, entra dentro do sacco, e não te ponhas a fallar mais, e só espera o que ha de vir; e amanhã saberás dizer-me o bem que te faço.

Q. — Se eu te não conhecesse por homem de bem, e sincero, não me deixaria induzir a metter-me neste sacco; mas bem se está vendo a tua excessiva bondade.

B. — O céu é o que te faz dizer isso; ora pois, mette bem dentro este outro braço, e abaixa alguma cousa mais a cabeça; porque tu és mais alto do que eu e assim não poderei fechar a bocca do sacco.

Q. — Ai, que me quebras o pescoço !... Mas fecha, fecha como quizeres, porque já agora pouco podem tardar a chegar os parentes, segundo o que tens dito.

B. — Daqui a duas horas, ou tres ao mais, estarás despachado... Ora aqui estás fechado; está quieto, não digas mais nada, para que tudo se faça como deve ser.

Q. — Eu não falarei mais... mas encosta-me á parede; senão, não poderei estar tanto tempo em pé desta fórma.

B. — Aqui ficas encostado; está agora bem

Q. — Mui bem.

B. — Ora pois, pouca búlha: cala a bocca, e sabe governar-te, como é necessario.

Q. — Eu não fallo mais; cala-te tu tambem, e deixa vir a noiva.

Bertoldo, tendo enganado o quadrilheiro, deixa-o no sacco em seu lugar á discreção do furor da rainha

Depois que Bertoldo fechou no sacco o basbaque do quadrilheiro, cuidou logo em fugir para não esperar a tormenta que estava preparada a cahir sobre elle na manhã seguinte; e como era necessario que passasse pela ca-

mara da rainha, applicou mais de uma vez o ouvido, para vêr se alguém estava acordado, e nada ouvindo, porque todos estavam no primeiro somno, abriu muito de manso a porta da sala onde ella estava, entrou na sala, e dahi passou á camara onde dormia a rainha, e, chegando-se á cama della, achou que estava muito ferrada no somno, pelo que quiz fazer-lhe uma peça, tomando-lhe umas roupas, com que se vestio, e assim passou por todas as camaras, em que dormiam as damas; e, achando á cabeceira do leito da ama as chaves de todas as portas, as foi abrindo com muita destreza, e sahio fóra do palacio; mas como tinha cahido muita neve naquella noite, que cobria todas as ruas, receiando que se conhecessem as suas pegadas, e o apanhassem, voltou os sapatos dos pés ás avessas, ficando os saltos para diante, e as pontas para trás, de sorte que, em lugar de mostrar as marcas ter sahido de palacio, parecia que tinha entrado alguém; e assim andou tanto para uma parte, e para a outra, que depois de muito tempo chegou onde estava um forno por detrás das muralhas da cidade, e ahi se metteu para se esconder.

A rainha, não achando seu fato, dá culpa ao quadrilheiro, que, não estando já no seu lugar, o teria furtado, e fugido, e põe-se a fallar com elle, cuidando que fallava com Bertoldo que estava no sacco.

Chegada a manhã, entraram as açafatas para vestir a rainha, e, não achando a sua roupa, que lhe tinham despidido na noite precedente, ficaram todas admiradas, sem saber o que tinha sido feito della; por fim a rainha, mandando vir outras roupas, se vestio, e sahio da camara, furiosa, foi directamente á camara em que tinha deixado Bertoldo, sendo maior a sua admiração quando não vio o quadrilheiro, que lhe tinha posto por guarda: e assim logo suspeitou que elle lhe tivesse furtado as roupas, e fugido, jurando que, se o pudesse colher ás mãos, o mandaria logo enforcar; depois, chegando-se para o sacco, disse:

Rainha. — E, pois, meu machacaz, ainda estás com o mesmo sentido que d'antes?

Quadrilheiro. — Não, senhora, antes estou aqui prompto para a receber o mais depressa que quizer.

R. — Que queres tu receber ? alguma cura ?

Q. — Está ella prompta ?

R. — Agora se prepara em um instante.

Q. — O mais depressa que me despacharem, hei-de estimal-o.

R. — Não passará muito tempo que fiques consolado.

Q. — Não chega esta hora de ter essa alegria ; ora fazei com que se traga aqui depressa.

R. — Torno a dizer-te que bem depressa te levamos onde ella está ; estás contente ?

Q. — Se as nossos condições são que ella haja de vir a esta camara, e que nos casemos aqui incognitamente, recebendo o dote de duas mil dobras, como quereis levar-me onde ella está ? Mandai que venha cá, que eu farei o que devo fazer.

R. — Que fala este villão ruim de casar e de dobras ? Tirai-o fóra daquelle sacco, para que lhe veja á cara.

O quadrilheiro sahe fóra do sacco em lugar de Bertoldo, e a rainha, toda pasmada, diz :

Rainha. — Quem te poz nesse sacco, desgraçado ?

Quadrilheiro. — Aquelle que havia de ser noivo, o qual, não querendo casar-se com essa rapariga, que lhe querem dar, me renunciou esta ventura ; assim, podem mandar vir a noiva, ao mesmo tempo o dote das duas mil dobras, que eu aqui estou para o que se der.

R. — De que noiva, de quaes dobras fallas tu ? Diz-me mais claro, que eu te entenda.

Q. — Aquella noiva que se queria dar áquelle villão, com as duas mil dobras.

R. — Metteu-te elle por ventura isso na cabeça ?

Q. — Torno a dizer que elle disse isto com todo o proposito, e para esse effeito me poz neste sacco, tendo elle fugido ; assim vamos a concluir isto, emquanto não passa a vontade.

O quadrilheiro leva uma carga de pão e, mandando-o pôr outra vez no sacco, assim o fizeram deitar no rio

Rainha. — Agora, agora mando vir as dobras, prepara-te tu no emtanto para recebê-las, pois eu quero que tu tomes o contrario ás tuas costas.

Quadrilheiro. — Para isso eu aqui estou, já me parece cem annos, que não chega o tempo de contal-as; porém é necessario advertir que eu as quero de peso, e que trabuquem.

R. — Tu as contarás primeiro, e depois, se não forem de peso, eu t'as farei trocar; no emtanto começa a contal-as; e aquellas que te parecerem leves, dize-o.

Dito isto, fez logo apparecer quatro dos seus servos, cada um com o seu bastão, os quaes bem depressa se puzeram a dar com toda a força no pobre do quadrilheiro; sentindo este as pancadas, com que tão desalmadamente o maltratavam, se poz a gritar, chorando e pedindo que o deixassem; mas nada foi bastante para que os outros deixassem de dar, antes o reduziram a tal estado, que parecia morto, e nem isto bastou, porque a rainha o tornou a fazer pôr no sacco e mandou -o deitar ao rio.

Desta sorte recebeu este infeliz as dobras de peso, e, em lugar de dar-lhe a mulher, o deitaram de molho para sempre no rio Adiz.

Depois que o desgraçado quadrilheiro foi mandado a beber, fizeram-se todas as diligencias para achar Bertoldo; mas, por causa de estarem as suas pégadas ás avessas nunca puderam comprehender que elle tivesse sahido do palacio; e a rainha mandou-o procurar por toda a parte com tenção de o fazer enforcar, parecendo-lhe intoleraveis as peças de lhe levar as roupas, e de deixar-lhe o quadrilheiro no sacco.

Bertoldo é descoberto no forno por uma velha, e divulga-se que a rainha estava no forno

No emtanto o pobre Bertoldo estava naquelle forno, quieto, onde sabia tudo o que se passava, e começou a receiar muito da morte, arrependendo-se de ter appare-

cido naquella côrte; não se atrevia a sahir fóra para não ser agarrado, sabendo muito bem que a rainha lhe tinha má vontade, e muito mais depois de lhe ter feito estas peças do quadrilheiro e das roupas, temendo que o mandassem enforcar; porém, como tinha vestidas as mesmas roupas, que eram compridas não se accommodando bem dentro do forno, inadvertidamente lhe ficou pendurado fóra um pedaço da cauda; e quiz sua má sorte que, passando por ali uma velha, junto ao forno, vendo aquelle pedaço das roupas que estavam de fóra, e conhecendo pelas barras que eram da rainha, cuidou que esta estivesse mettida dentro do forno; e correndo foi á casa de uma sua vizinha, a quem disse que a rainha estava naquelle forno, levando-a consigo para que visse a roupa que apparecia; e, conhecendo-a tambem aquella, o foram dizendo a quantas encontraram, de sorte que em pouco tempo se soube por toda a cidade, até que chegou aos ouvidos de el-rei.

El-rei duvida que Bertoldo tenha levado a rainha áquelle forno, e vai averiguar se assim era

Ouvindo el-rei aquella nova, cuidou logo que Bertoldo teria levado a rainha áquelle forno, pois o conhecia tão dextro, que suppunha tivesse mandinga, e que assim pudesse fazer tudo o que quizesse, fazendo-o suspeitar mais os estratagemas que lhe tinham visto praticar; e assim correu logo á camara da rainha para vêr se lá estava, e, achando-a mui raivosa do que tinha succedido, que tudo lhe contou, mandou que lhe ensinassem aquelle forno, aonde foi; e, olhando para dentro, vio Bertoldo embrulhado nas roupas da rainha, e logo o fez tirar para fóra, ameaçando-o que o mandaria matar.

Despiram as roupas ao pobre villão, que ficou só com os seus trapos; e, como tinha sujado no forno toda a cara, além de ser mui feio de natureza ficou que parecia um demonio infernal.

Bertoldo é tirado para fóra do forno, e el-rei, muito enfadado, lhe diz :

Rei. — Sempre te colhi, villão desaforado ; mas desta vez certamente não escaparás, se não és o diabo.

Bertoldo — Quem está de fóra não entre ; e quem está de dentro não se arrependa.

R. — Quem faz o que não 'deve lhe succede o que não crê.

B. — Quem lá não vai, não cahe ; e quem cahe, não se levanta limpo.

R. — Quem ri na sexta-feira, certo chora no domingo.

B. — Desprega quem está pregado, que elle depois te pregará o mono.

R. — Entre a carne e a unha, ninguem pique.

B. — Quem tem defeito é logo suspeito.

R. — A lingua não tem osso e faz quebrar o caroço.

B. — A verdade sempre está por cima.

R. — Tambem a verdade algumas vezes não se diz.

B. — Não deve fazer quem não quer que se diga.

R. — Quem se veste com a roupa alheia, depressa se despe.

B. — Melhor é dar a lã que a ovelha.

R. — Peccado velho, penitencia nova.

B. — O bolir dos pés é nocivo, quando se põe nos hombros aos enforcados.

R. — Daqui a pouco tempo tu serás um desses.

B. — Mais depressa cego que feiticeiro.

R. — Ora deixemos de parte esta disputa. Olá vós, regedor das justiças, e vós outros ministros, tomai entrega deste villão ; e mandai-o dependurar em uma arvore, já, já, não se dando ouvidos ás suas palavras. Elle é um vilão ruim, um malvado, que tem o diabo no corpo, e poderá algum dia arruinar o meu Estado, se o deixar vivo. E assim levai-o daqui para fóra ao supplicio.

B. — As cousas feitas com muita pressa nunca sahem boas.

R. — Foi mui grande a offensa que fizestes á rainha.

B. — Quem tem menos razão grita mais alto. Deixa-me ao menos justificar-me.

R. — A's tres vai-se a cavallo, e tu já lhe fizeste mais de quatro, todas de grande affronta; vai-te, pois, embora.

B. — Por dizer a verdade hei de padecer a morte? Ah! não sejas commigo tão cruel, por piedade!

R. — Tu muito bem sabes o que diz o dictado. Ouvir, vêr e calar, se em paz queres estar; e quem quer bem á senhora quer bem ao senhor; e assim não me estejas a azougar os ouvidos, porque quanto mais pedes, mais palavras deitas ao vento; e é o mesmo que pisar agua no almofariz.

Exclamação de Bertoldo, pela sentença que contra elle deu el-rei

Bertoldo. — Ora o diabo diz a verdade: ou serve como criado, ou foge como veado: porque corvos com corvos nunca se tiram os olhos, e os parentes serão levados á forca, mas entre elles não se enforcam; assim que tudo o que reluz não é ouro, e quem não faz não erra; palavra e pedra arrancada não póde tornar atrás, e um talo de couve é muitas vezes causa da morte de muitas moscas; mas lá vem um, que me mostra boa cara e por baixo tem a navalha escondida; e desta fórma melhor é uma onça de liberdade, que dez arrateis de ouro; pois, emfim, lobo não come lobo; e o corvo, por querer cantar, perdeu o queijo como a mim me succede; porque tenho andado com cantigas de quem ama, no buraco do gato achei a cama, e agora nem as azas de Dedalo me valeriam, pois tendo el-rei proferido a sentença, a sua palavra não póde tornar atrás, ainda que se diga que quem faz póde tambem desfazer.

Ultima astucia de Bertoldo para escapar da morte

Bertoldo. — Ora, pois, Bertoldo, aqui é necessario fazer animo de leão, e mostrar a tua constancia neste horrendo passo, sendo certo que mais dura o tormen-to, mais se tardã a morerr; e já que não se póde vender,

melhor é dar que destruir. E assim aqui estou prompto, ó rei, para receber o castigo que tens ordenado; porém antes de morrer desejava que me fizesses uma graça, a qual será a ultima que peço.

Rei. — Pede o que quizeres, que não deixarei de fazer-te. Mas dize depressa, porque me tens já enfadado com as tuas ladainhas !

B. — Eu te peço que ordenes a estes teus ministros que não enforcuem senão naquella arvore que fôr de meu gosto, para assim morrer contente.

R. — Assim se faça, ouvis ? Levai-o embora, não o enforqueis senão na arvore que lhe agradar, sob pena de sahirdes da minha graça. Queres tu mais ?

B. — Não peço outra cousa; e por esta graça vivas mil annos.

R. — Ora adeus. Bertoldo; tem paciencia por esta vez.

Bertoldo não acha arvore, nem planta que lhe agrade; e os ministros, depois de cansados, o deixaram ir embora

Não comprehendeu el-rei a maxima de Bertoldo, nem os ministros que o levaram a um bosque cheio de varias plantas, e, não achando nelle nenhuma de seu gosto, o conduziram por quantos bosques havia na Italia; mas nunca puderam achar planta, arvore, ou tronco que fosse do agrado de Bertoldo, de tal modo que achando-se cansados de muito caminhar, e enfatiados de semelhante commissão, conheceram a sua astucia, e o soltaram, pondo-o em liberdade.

Depois tornando diante de el-rei, lhe contaram todo o successo, de que ficou admirado louvando o grande juizo e subtileza de um villão, que tinha tão vasto conhecimento, e era apercebido mais que quantos havia.

El-rei manda novamente procurar Bertoldo e sendo achado, vai em pessoa visitá-lo, fazendo-o com grandes rogos e promessas tornar á sua côrte.

Passada a colera, de el-rei, mandou outra vez procurar Bertoldo, e achando-o lhe mandou rogar que tornasse á côrte porque tudo lhe estava perdoado; mas elle respondeu: Sopa refervida e amor reassoprado não deixa o estomago bem assentado, e não ha thesouro que pague a liberdade. O que ouvido por el-rei foi em pessoa onde elle estava; e tanto o rogou e o supplicou, que finalmente o induzio (ainda que contra sua vontade) a ir novamente para a côrte, fazendo com que a rainha lhe perdoasse.

Depois sempre o teve junto a si, e nunca mais fez nada sem o seu conselho, o que foi causa de irem todas as cousas bem, enquanto esteve elle naquella côrte; porém, como era costumado a sustentar-se de mantimentos ordinarios e grosseiros, e com fructos bravios, logo que começou a gostar daquelles manjares delicados e substanciaes, cahio gravevemente enfermo com perigo de morte, de que tiveram el-rei e a rainha grande desgosto; a maior foi depois da sua morte, que sempre viveram na maior tristeza, e infelicidade.

Morte de Bertoldo e a sua sepultura

Os medicos, não conhecendo a sua compleição, lhe applicavam os remedios que costumam applicar á gente mais delicada da côrte; mas elle, que conhecia a sua natureza, lhes pedia que mandassem cozer uma panella de feijões com cebolas, e nabos cosidos debaixo de cinza, porque sabia que com taes comeres melhoraria, no que os medicos nunca o quizeram contentar; e assim acabou a vida com esses desejos, aquelle que era tido por outro Esopo e por um oraculo, com grande sentimento de toda a côrte. El-rei o fez enterrar, com grande honra; os medicos se arrepederam de não lhe terem dado o que pedia no fim da sua

doença, conhecendo que morrerá por não o terem contentado; e el-rei, em perpetua memoria deste grande homem, fez esculpir na sua sepultura em letras de ouro os seguintes versos em fôrma de epitaphio, e mandou tomar luto á côrte, como se fosse algum fidalgo de sangue real :

Nesta sombria tumba escura
Um disforme villão está sepultado;
De urso mais que de homem tinha figura:
Mas era de engenho tão elevado,
Que pasmar fez o mundo e a natureza.
Em sua vida Bertoldo foi chamado,
Querido de el-rei morreu: com tentação
De não poder comer nabos com feijão.

Sentenças de Bertoldo antes da sua morte

Quem costuma comer nabos não se meta com pastéis.

Quem está acostumado á enxada não vá pegar na lança.

Quem está affeito ao campo não se vá metter nas côrtes.

Quem vencer o appetite será grande capitão.

Quem não come de ambas as bandas não é boa macaca.

Quem olha fito para o sol, e não espirra, guarde-se delle.

Quem todos os dias se veste de novo, todas as horas grita com o alfaiate.

Quem deixa os seus negocios para fazer os alheios tem pouco juizo.

Quem quer fazer cortezia a todos despressa gasta o chapéo.

Quem dá na mulher faz murmurar os vizinhos.

Quem mede o seu estado nunca será pobre.

Quem coça a sarna de outrem a sua refresca.

Quem promette no bosque deve observar a palavra na cidade.

Quem tem medo dos passaros não semeie o milho.

Quem faz como o ouriço está sempre seguro em casa.

Quem vai para a jornada leva pão na algibeira e pão na mão.

Quem dá fé ás necessidades funda os seus pensamentos na nevoa.

Quem põe a sua esperança na terra se aparta do céu.

Quem é preguiçoso das mãos não vá ao tonel.

Quem te aconselha, em lugar de ajudar-te, não é bom amigo.

Quem castiga a cadella, o cão está arredado.

Quem no verão toma o exemplo da formiga não pede no inverno pão emprestado.

Quem atira o seixo ao alto lhe virá a dar na cabeça.

Quem vai a festa, e não sabe dansar, não faz outra coisa que occupar lugar.

Quem toma a mulher pela riqueza, á bolsa vai o marido.

Quem dá o governo da casa as mulheres, tem sempre quem lhe bata nas portas.

Quem não pôde trazer a sua pelle é bem desastrada ovelha.

Quem gasta o seu em ruins partes, na hora da morte vê a sua conta corrente.

Quem louva um, antes que o tenha praticado, muitas vezes, dá as mentiras a si mesmo.

Quem dá o pão a cães alheios, bem depressa lhe ladram os seus.

Quem não paga os jornaes aos obreiros, nada tem de homem justo.

Quem come ao gosto de outrem, nunca come coisa que lhe faça proveito.

Quem pretende saber nada, esse é mais sapiente que os outros.

Quem quer emendar os mais, dê bom exemplo de si mesmo.

Quem foge dos appetites terrestres, come os fructos celestes.

Quem se acha sem amigos, é como um corpo sem alma.

Quem solta a lingua, antes que o pensamento, não tem nada de prudente.

Quem, quando sahe de casa, cuida no que ha de fazer, quando torna, tem acabada a obra.

Quem dá logo que promette, dá duas vezes.

Quem pecca, e faz peccar a outrem, deve fazer duas penitencias de uma vez.

Quem para si não é bom, mal o póde ser para outrem.

Quem quer seguir a virtude, é necessario que deixe o vicio.

Quem pede aquillo que não póde esperar de ter, nega a graça a si mesmo.

Quem tem bom vinho em casa, sempre lhe batem com irascos na porta.

Quem escolhe as armas, quer pelejar com vantagem.

Quem navega no mar da sensualidade, desembarca no porto das miserias.

Quem do bem de outrem se entristece, não falta quem se ria do seu mal.

Quem tem a virtude propria, vai seguro á sua jornada.

Testamento de Bertoldo achado debaixo do travesseiro de sua cama depois da sua morte

Estas sentenças as fez imprimir el-rei em caracteres de ouro, e pôl-as sobre a porta da sala real, para que todos as pudessem lêr, e não se podia consolar com a perda de tão grande homem.

Os que tinham ficado com o encargo da camara de Bertoldo, querendo concertar a cama onde elle dormia, acharam debaixo do enxergão uma caixa de trapos e de

escripturas, a qual levaram logo a el-rei, que, fazendo-a desatar achou entre aquelles papeis o testamento que tinha feito, muitos dias antes da sua morte, não tendo dito a ninguem, talvez para que se não soubesse de quem descendia, nem de que terra elle fosse, sendo um homem tão extravagante; como quer que fosse, ordenou el-rei que se chamasse o tabellião que o tinha feito, para que o lêsse em sua presença; e, com effeito, veio em um atomo, e, fazendo a devida venia a el-rei, lhe disse:

Tabellião. — Aqui estou, Senhor, para executar o que Vossa Magestade me ordenar.

Rei. — Vós é que fizestes o testamento de Bertoldo ?

T. — Sim Senhor, eu o fiz.

R. — É quanto tempo ha que o fizestes ?

T. — Póde haver tres mezes.

R. — Ora, eil-o aqui, tomai-o, e lêde-m'ó: porque essa letra tabellioa não a entendo bem, por causa das extravagantes cifras, que vós lhe costumaes pôr.

T. — Não é isso, Senhor, mas ainda mais porque eu só sei escrever vulgar, não tendo podido passar nunca dos nominativos, ainda que fui ao estudo vinte e dous annos, e por isso só me passam pelas mãos estas differenças dos villões.

R. — Como vos chamais ?

T. — Eu me chamo Bastião Vilupio, para servir a Vossa Magestade.

R. — Tendes bello nome, certamente, e tambem o sobrenome, póde passar; mas melhor seria, segundo meu parecer, que vos chamasseis Sr. Tacão, pois tambem os deitais nestas letrinhas.

Ora lêde, Sr. Bastião, e pronunciai alto, devagar e claro, que eu possa entender.

O tabellião lê o testamento

Em nome do bom principio, e seja para bem, etc. **Eu** Bertoldo, filho do defunto Bertolaço, neto de Bertuço, de Berlim, de Bertulim, e de Bertenha; vendo e reconhecendo que todos nós os mortaes somos como uma

bexiga cheia de vento, que qualquer buraquinho a faz vasar; que como cada homem chega aos setenta annos, assim como eu me acho, se pôde dizer que tem chegado ás vinte e tres horas do seu dia, e que as vinte e quatro não podem tardar a dar, e depois boas noites; já que me acho ainda com um pouco de sol nos miolos, quero deixar dispostos e ajustados todos os meus negocios, fazendo o meu testamento, tanto para minha satisfação como tambem para satisfazer aos meus parentes, e amigos, aos quaes devo alguma obrigação.

Sois vós, Sr. Bastião, supplicado, para que me rogueis este meu testamento, e vontade, a saber; em primeiro lugar:

Deixo a Bertoldo, mestre remendão, os meus sapatos de quatro solas, e quarenta réis de moeda corrente por me ter sido sempre amoravel, me haver muitas vezes emprestado a sovela para coser bem os tacões, e outros favores que me fez.

Item, a Ambrosio, varredor da côrte, cincoenta réis de moeda corrente, por me ter levado muitas vezes os calções a concertar, e outros recados que me fez, etc.

Item, a Barba-Sabuco, hortelão, o meu chapéo de palha, por ter me dado algumas vezes um masso de alhos pela manhã muito cedo, para fazer-me bom estomago, e dar-me maior appetite.

Item, a Manoel Allegrato, taverneiro, a minha cinta larga e o afogador, por me ter enchido o barrilinho todas as vezes que me era necessario, e outros favores.

Item, a Gil Corques Martins, cosinheiro, a minha faca com bainha, por ter-me algumas vezes cosido os nabos debaixo da cinza, e dado tigelas de feijões com cebolas, comeres que se dão bem com a minha natureza, mais que as tortas, perdizes e pasteis.

Item, a tia Pandora, lavadeira, o meu enxergão em que durmo, duas bancas com pés quebrados, tres varas de panno de estopa para fazer dois aventaes, e isto por me ter muitas vezes lavado a roupa branca, e tido conta nella, etc.

Item, deixo a Figueira moço da cõrte, vinte e cinco chitotadas com um bom açoute, por ter-me furado o bispote, e feito cahir no mijo na cama; por me pendurar um foguete nas costas, por me sujar um sapato, e outras peças, que me fez: isto desejo que seja feito logo, logo, porque elle é desavergonhado, etc.

R. — Nisso não haja duvida. Continuai para diante, Sr. Bastião.

T. — **Item**, porque quando vim a esta cõrte (que nunca tivesse vindo), deixei Marcolfa, minha mulher, com um filho chamado Bertoldinho, que póde ter dez annos, pouco mais ou menos, e nem ao menos deixei dito para onde vinha, afim de que não viessem atrás de mim, pois não têm focinho para apparecerem nestes lugares, parecendo mais depressa macacos que outra cousa; e, tendo eu umas terras, e alguns animaes, deixo a minha mulher senhora de tudo, emquanto o filho não tiver vinte e cinco annos, pois então quero que seja elle senhor de tudo; com a condição de que, se quizer casar, não se misture com gente de maior qualidade de que elle.

Que não se domestique com os seus maiores.

Que não faça damno aos seus vizinhos.

Que coma quando tiver, e que trabalhe quando puder.

Que não tome conselho de gente que tenha tido máo fim.

Que não se deixe curar por medico enfermo.

Que não se deixe sangrar por sangrador que lhe trema a mão.

Que dê a todos o que devem haver.

Que seja vigilante nos seus negocios.

Que não se intrometta no que não lhe importa.

Que não faça compras d'aquillo que não conhece.

É, sobretudo que se contente do seu estado, nem deseje mais; e considere que muitas vezes o cordeiro vai adiante da ovelha, isto é, que a morte tem a fouce na mão par atirar o golpe tanto á ovelha, como ao moço;

que, se tiver cuidado de observar todas estas cousas nunca topará em nada, que lhe dê damno: será feliz, e terá bom fim.

Item, não me achando com mais nada, porque nunca quiz acceitar o que me offerecia o meu rei, que por muitas vezes quiz dar-me aneis, joias, dinheiro vestidos, cavallos e outras riquezas, porque, se as tivesse recebido, não teria descanso, e talvez faria mil insolencias malquistando-me com todos, e figurando, como alguns, que de baixo, e drogas, que são, sobem por fortuna a altas e sublimes dignidades, e nem por isso se limpam nunca do lodo, de que estão cheios, eu me contento de morrer pobre, e saber que nunca me servi de adulação para com o meu rei, mas sempre o aconselhei fielmente em todas as occasiões que me pediu o meu parecer, fallando e dizendo livremente tudo o que entendia e pensava; e não de outra sorte para mostrar-lhe do mesmo modo, no fim da minha vida, o affecto que lhe tenho, lhe deixo estes poucos documentos, os quaes não levará a mal de acceitar, e tambem observar, ainda que sejam de um rustico villão, e são estes:

Que tenha a balança justa, tanto para o pobre como para o rico.

Que faça ver com grande attenção os processos, antes de chegar ao ponto de sentenciar.

Que não condemne alguém quando estiver enfiado.

Que se bemquiste com o seu povo.

Que premeie os bons e os virtuosos.

Que castigue os delinquentes.

Que lance fóra os aduladores, e liçongeiros, e as linguas maldizentes, que mettem scisma pela côrte.

Que não dê nenhuma sorte de gravame aos seus subditos.

Que proteja as viúvas, e os pupillos, defendendo as suas casas.

Que faça despachar as demandas, ouvindo os pobres demandistas, e não os deixando subir e descer tantas vezes as escadas dos tribunaes, e as dos ministros.

Que, obervando estes avisos, viverá contente e alegre, e será tido universalmente por excellente e justo senhor.

E aqui acabo.

Ouvindo el-rei o perfeito testamento, e insignes lembranças, que lhe deixou Bertoldo, não poude suster as lagrimas, que lhe sahiram dos olhos, e, considerando a sua grande prudencia, o amor, e a lealdade, que em sua vida tinha nelle conhecido, e ainda na sua morte; e assim mandando dar ao tabellião cincoenta ducados, o despedio; depois, qual outro Alexandre Magno, que conservou entre as suas preciosas joias a Illiada de Homero, assim elle fez pôr o dito testamento entre as cousas de maior valor. Mandou que se fizessem diligencias para achar sua mulher Marcolfa, e seu filho Bertoldinho, conduzindo-os á cidade; pois os queria por todos os modos na sua côrte em memoria de Bertoldo; e, com effeito, tendo ido alguns cavalheiros em procura delles por quantos montes e bosques havia mais vizinhos, como el-rei lhes tinha dito que não tornassem á sua presença sem lh'os levar, tanto andaram que finalmente os acharam, e do que aconteceu se mostrará em outro livrinho.

FIM